

Universidade Aberta do Brasil
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

FABIANA RIBEIRO TORRES

**O alcance dos objetivos gerais da área de Artes, traçados nos
Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte para Ensino Fundamental
I, por meio da aplicação prática da Proposta Triangular de Ana
Mae Barbosa.**

Itapetininga/SP
2012

Fabiana Ribeiro Torres

O alcance dos objetivos gerais da área de Artes, traçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte para Ensino Fundamental I, por meio da aplicação prática da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura, habilitação em Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof^a M^a Marta Mencarini Guimarães

Co-orientador(a): Prof^a M^a Polyanna Morgana Duarte de Oliveira Rocha

Itapetininga/SP
2012

**O alcance dos objetivos gerais da área de Artes, traçados nos
Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte para Ensino Fundamental
I, por meio da aplicação prática da Proposta Triangular de Ana
Mae Barbosa.**

Fabiana Ribeiro Torres

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof^ª. Ma. Marta Mencarini Guimarães
Orientadora

.....
Prof^ª. Ma. Polyanna Morgana Duarte de Oliveira Rocha
Co-orientadora

.....
Prof. Werner José Lisboa Krapf
Tutor presencial do Polo de Itapetininga/SP

DEDICATÓRIA

A todos os professores, arte-educadores e estudantes brasileiros.
Especialmente aos professores da Rede Municipal de Ensino do município de Itapetininga/SP.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças para concluir mais esta etapa importante.

À minha mãe, por nunca ter deixado que os estudos fossem um peso em minha vida.

Ao meu avô, à minha mãe e ao meu noivo, pelo apoio, dedicação e paciência para comigo nos momentos em que eu precisei dar prioridade aos estudos.

À minha avó, já falecida, pelo carinho e incentivo com relação aos estudos.

Aos professores e tutores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UAB/UnB que demonstraram tamanha dedicação, pelo apoio e pelas orientações tão importantes e sempre pertinentes.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram e possibilitaram a realização deste trabalho.

(...) os professores de Arte precisam, em primeiro lugar, de sólidos conhecimentos teóricos acerca das teorias da Arte-Educação, e de um modo de pensar acerca da Arte que possa ajudá-los a definir as atividades artísticas na escola e a Arte na sociedade moderna, sua função e praticalidade (BARBOSA, 1975, p. 94).

RESUMO

Os PCN apontam direcionamentos para o ensino da Arte e apresentam uma série de objetivos gerais a serem atingidos no Ensino Fundamental, tomando como base a Proposta Triangular desenvolvida pela arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa, cujos estudos apresentam estratégias para um ensino das artes contextualizado e dinâmico, de acordo com a necessidade dos educandos. O objetivo desta pesquisa é, através de coleta de dados e estudo teórico, refletir sobre processos pedagógicos e apresentar meios para o alcance dos objetivos estabelecidos nos PCN-Arte, utilizando-se da Proposta Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa.

Os professores generalistas, ou seja, os que lecionam várias disciplinas no Ensino Fundamental I apresentam dificuldades em desenvolver processos pedagógicos em arte que propiciem o alcance dos objetivos pautados nos PCN. Além disso, esses professores possuem pouca informação acerca dos estudos mais recentes a respeito do ensino das artes. Os dados foram obtidos por meio da pesquisa de campo realizada com a Assessora responsável pelo ensino das artes nas escolas municipais e com professores e alunos da EMEF Profª Zarife Yared, em Itapetininga/SP. Na maioria das aulas acompanhadas houve predominância do fazer artístico. Em algumas aulas as estratégias de ensino se aproximaram do proposto por Ana Mae Barbosa, entretanto, a contextualização e a leitura de imagem foram pouco exploradas. A partir desses dados, são apresentadas análises e sugestões de processos de ensino em arte de acordo com os PCN e a Proposta Triangular.

Palavras-chave: Arte-Educação; PCN; Proposta Triangular; Leitura de imagem; formação de arte-educadores.

ABSTRACT

The National Curriculum Guidelines (NCG) indicate directions for Art teaching and present a series of general objectives for the Elementary School to be achieved, based on a Triangular Proposal developed by the Brazilian art educator Ana Mae Barbosa, whose studies present strategies for context focused and dynamic art teaching, according to the student's needs. The objective, reached by field research and theoretical study, is to reflect on pedagogical processes and ways to achieve the goals set out in the NCG-Art, through the Triangular Proposal developed by Ana Mae Barbosa.

Generalist teachers have difficulties in developing processes that facilitate art teaching in achieving objectives guided the NCP. Additionally, these teachers have little information about the most recent studies on art teaching. Data were obtained through field research conducted with the Advisor responsible for art education in public schools and with teachers and students of the school Prof. Zarife Yared in Itapetininga/SP. In almost all the classes predominated the making of art. In some classes, teaching strategies were close to those proposed Ana Mae Barbosa, however, contextualization and image reading have been little explored. From these data, analyzes are presented and suggestions are made for teaching processes in art according to NCG and Triangular Proposal.

Keywords: Art Education; NCG; Triangular Proposal; Reading image; formation of art educators.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. OBJETIVOS	14
1.1. Objetivo geral	14
1.2. Objetivos específicos	14
2. METODOLOGIA	15
3. ARTE/EDUCAÇÃO: OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A PROPOSTA TRIANGULAR	16
4. A PROPOSTA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITAPETININGA/SP PARA O ENSINO DA ARTE NAS ESCOLAS	24
4.1. Ensino e Aprendizagem no ensino fundamental I: Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Zarife Yared	26
4.2. Relato das observações das aulas dos segundos anos	30
4.2.1. 2º ano C: Aula 1	30
4.2.2. 2º ano C: Aula 2	30
4.2.3. 2º ano C: Aula 3.....	31
4.2.4. 2º ano C: Aula 4.....	32
4.2.5. 2º ano C: Aula 5.....	32
4.2.6. 2º ano D: Aula 6.....	33
4.2.7. 2º ano D: Aula 7.....	34
4.2.8. 2º ano D: Aula 8.....	35
4.2.9. 2º ano D: Aula 9.....	35
4.3. Relato das observações das aulas dos terceiros anos	37
4.3.1. 3º ano C: Aula 10.....	37
4.3.2. 3º ano C: Aula 11.....	37
4.3.3. 3º ano C: Aula 12.....	38
4.3.4. 3º ano C: Aula 13.....	38
4.3.5. 3º ano D: Aula 14.....	39
4.3.6. 3º ano D: Aula 15.....	40
4.3.7. 3º ano D: Aula 16.....	41
4.3.8. 3º ano D: Aula 17.....	43
4.3.9. 3º ano D: Aula 18.....	45
4.3.10. 3º ano D: Aula 19.....	47
4.4. Relato das observações das aulas dos quartos anos	48
4.4.1. 4º ano C: Aula 20.....	48
4.4.2. 4º ano C: Aula 21.....	48
4.4.3. 4º ano C: Aula 22.....	49

4.4.4. 4º ano C: Aula 23.....	50
4.4.5. 4º ano C: Aula 24.....	51
4.4.6. 4º ano D: Aula 25.....	52
4.4.7. 4º ano D: Aula 26.....	52
4.4.8. 4º ano D: Aula 27.....	52
4.4.9. 4º ano D: Aula 28.....	54
4.5. Relato das observações das aulas dos quintos anos	54
4.5.1. 5º ano C: Aula 29.....	54
4.5.2. 5º ano C: Aula 30.....	56
4.5.3. 5º ano C: Aula 31	56
4.5.4. 5º ano C: Aula 32.....	58
4.5.5. 5º ano D: Aula 33.....	59
4.5.6. 5º ano D: Aula 34.....	60
4.5.7. 5º ano D: Aula 35.....	62
4.5.8. 5º ano D: Aula 36.....	63
4.5.9. 5º ano D: Aula 37.....	63
4.5.10. 5º ano D: Aula 38.....	64
4.6. A opinião dos alunos.....	65
5. PROPOSTA PEDAGÓGICA: ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E APLICAÇÃO PRÁTICA DA PROPOSTA TRIANGULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I	67
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS	81
ANEXO A – Entrevistas com professores de Educação Básica atuantes no Ensino Fundamental I da EMEF Profª Zarife Yared – Itapetininga/SP	81
ANEXO B – Entrevistas com alunos do Ensino Fundamental I da EMEF Profª Zarife Yared – Itapetininga/SP	84
ANEXO C – Parâmetros Curriculares Nacionais: Objetivos Gerais de Arte para o Ensino Fundamental	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - EMEF Prof ^a Zarife Yared - Itapetininga/SP	29
Figura 2 - Desenho com textura	31
Figura 3 - Recorte das letras do nome	33
Figura 4 - Colagem utilizando recortes das letras do nome	33
Figura 5 - Máscaras "Bicho Esquisito"	34
Figura 6 - Colagem utilizando papeis de diferentes texturas.....	36
Figura 7 - Colagens utilizando papeis de diferentes texturas	36
Figura 8 - Apresentação das produções de colagem utilizando papeis de diferentes texturas	36
Figura 9 - Aula: dobraduras "centopeia"	40
Figura 10 - Dobraduras "centopeia"	40
Figura 11 - Exemplo da professora para a atividade de recorte e colagem	41
Figura 12 - Recorte e colagem	42
Figura 13 - Recorte e colagem I	42
Figura 14 - Recorte e colagem II	42
Figura 15 - Releitura de obra de Van Gogh (1853-1890)	43
Figura 16 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) I	44
Figura 17 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) II	44
Figura 18 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) III	45
Figura 19 - Modelagem de personagens folclóricos	46
Figura 20 - Modelagens de personagens folclóricos	46
Figura 21 - Modelagens de animais (répteis)	47
Figura 22 - Modelagens de animais (répteis) I	48
Figura 23 - Apostila: Desenhos com o tema "locais de brincadeira"	50
Figura 24 - Desenho com o tema "locais de brincadeira"	51

Figura 25 - Desenho com o tema "locais de brincadeira" I.....	51
Figura 26 - Recorte, colagem e pintura.....	53
Figura 27 - Recorte, colagem e pintura I.....	53
Figura 28 - Recorte, colagem e pintura II.....	54
Figura 29 - Recorte, colagem e ampliação horizontal de imagem.....	55
Figura 30 - Recortes, colagens e ampliação horizontal de imagens.....	55
Figura 31 - Recortes, colagens e ampliação horizontal de imagens I.....	56
Figura 32 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001).....	57
Figura 33 - Reprodução da obra "Um novo Dia" (2001) I.....	57
Figura 34 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) II.....	57
Figura 35 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) III.....	58
Figura 36 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) IV.....	58
Figura 37 - Reprodução da obra "Guernica" (1937).....	59
Figura 38 - Aluno tentando reproduzir a obra "Futebol" (1935).....	59
Figura 39 - Releitura de obra com interferência.....	61
Figura 40 - Releitura de obra com interferência I.....	62
Figura 41 - Releitura de obra com interferência II.....	62
Figura 42 - Releituras de obra com interferência.....	62
Figura 43 - Desenho com o tema: "Esse é meu pai que eu tanto amo".....	63
Figura 44 - Recorte e colagem.....	64
Figura 45 - Pintura em tela, afixada em uma das paredes da EMEF Prof ^a Zarife Yared - Itapetininga/SP.....	70
Figura 46 - Corredor da EMEF Profa Zarife Yared - Itapetininga/SP - onde se encontra uma das pinturas em tela.....	71

INTRODUÇÃO

Partindo de uma experiência pessoal de formação e trabalho, pude perceber a importância sobre a reflexão e a aplicação da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa no Ensino Fundamental I, perante a necessidade de investigar e construir metodologias de aplicação do projeto pedagógico proposto pelos PCN, de modo que esses objetivos não fiquem apenas na teoria, mas possam ser atingidos, através de situações didáticas e práticas. Os PCN-Arte expõem “uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana” (BRASIL, 1997, p. 15).

Para a Educação em Artes Visuais o presente trabalho se faz importante, pois em virtude das dificuldades encontradas pelos professores percebe-se a necessidade atual de ressignificação do currículo e da formação do corpo docente nestes tempos atuais, onde as mudanças acontecem com muita velocidade (MAGALHÃES, 2008). Muitos professores, por falta de preparo, oferecem aos alunos um conhecimento limitado em Arte. Este trabalho partiu da percepção dessa dificuldade em trabalhar a Arte como linguagem, envolvendo a educação do olhar, a reflexão sobre seus aspectos e toda a diversidade de conteúdos que a compõe. Ana Mae Barbosa (2007) afirma que há falta de correspondência entre os objetivos e a prática real em sala de aula, reforçando a identificação de dificuldades de professores em desenvolver o processo de ensino e aprendizagem na área de arte, de modo significativo e contextualizado. Segundo a autora, “objetivos são simplesmente palavras escritas nos programas ou estatutos que não têm sido postos em prática” (BARBOSA, 2007, p. 11). Foi para atender essa realidade que esta pesquisa se desenvolveu, a fim de analisar processos pedagógicos e abordar estratégias de ensino satisfatórias (de acordo com as propostas do Ministério da Educação e Cultura – MEC, explicitadas nos PCN), que permitam a evolução da práxis pedagógica em arte.

Nos PCN, as propostas de trabalho estão implicitamente ligadas à Proposta Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa que, por sua vez, está ligada à maneira pela qual se processam os conhecimentos em Arte, isto é, às maneiras

pelas quais os alunos aprendem e o conhecimento se torna efetivo. Partindo desse pressuposto, percebe-se a importância de reflexões acerca dos meios utilizados para estimular as competências e habilidades dos alunos, estabelecendo relações com as demais áreas do saber e ampliando o conhecimento de mundo e da cultura.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de realizar um estudo aprofundado a respeito do alcance dos objetivos gerais de arte para o ensino fundamental traçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte, a partir de uma pesquisa de campo teórico/prática desenvolvida na EMEF Prof^a Zarife Yared referente ao Ensino Fundamental I do município de Itapetininga/SP, com relação ao processo de ensino aprendizagem em Artes Visuais, por meio da aplicação prática da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Investigar o alcance da Proposta Triangular e abordar estratégias para efetivação em sala de aula dos objetivos propostos nos PCN/Arte Ensino Fundamental I, visto que esses objetivos são uma exigência do MEC, orientando o planejamento de aulas de Arte para que estas sejam significativas para os alunos e atendam às suas necessidades.

1.2. Objetivos específicos

- Levar os educadores ao conhecimento, reflexão e compreensão do ensino da arte por meio da Proposta Triangular;
- Levar os educadores à reflexão sobre os objetivos propostos nos PCN/Arte Ensino Fundamental I;
- Valorizar o contato com imagens no processo de ensino e aprendizagem em artes;
- Reconhecer a importância da leitura de obras artísticas e imagens, bem como da reflexão, da contextualização e da produção no processo de ensino e aprendizagem em artes;
- Discernir reprodução de releitura de obra;
- Propiciar e incitar a busca pela adequação da práxis pedagógica no que diz respeito ao ensino das artes.

2. METODOLOGIA

Os métodos adotados para a realização desta pesquisa foram: investigação e leitura da literatura especializada.

A coleta de dados se deu por meio das ações descritas abaixo:

- Entrevista com Assessora responsável pelo ensino das artes nas Escolas Municipais de Itapetininga/SP;
- Entrevistas com corpo docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Zarife Yared, de Itapetininga/SP;
- Observações de aulas de arte na etapa que corresponde do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental I na EMEF Profª Zarife Yared;
- Entrevistas com alunos das turmas acompanhadas na EMEF Profª Zarife Yared;
- Realização de fotografias de aulas e de trabalhos de alunos.

Os métodos utilizados para análise dos resultados obtidos foram:

- Análise do material didático e das aplicações desse material, bem como do conteúdo trabalhado e da metodologia utilizada pelos professores nas aulas de artes;
- Leitura reflexiva do material escrito (transcrição das entrevistas e anotações) obtido durante a pesquisa e estudo teórico a fim de comparar esse material com a fundamentação teórica dos PCN e da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

3. ARTE/EDUCAÇÃO: OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A PROPOSTA TRIANGULAR

Ana Mae Barbosa apresenta a Proposta Triangular (1991) não como método, mas como proposta de trabalho, de apreensão do objeto para o ensino das artes visuais. Essa proposta, subdividida em três momentos, abarca a Crítica e Estética da Arte; a Produção Artística e a História da Arte. A proposta de Barbosa, metodologicamente, busca trabalhar com esses quatro caminhos, de forma sistêmica e não fragmentada, sendo desenvolvidos em três etapas: a leitura da obra de arte, construção de significados, compreensão, estabelecimentos de relações; a produção artística, o estudante trabalhando seu próprio processo de criação, a partir de uma obra, de uma temática escolhida e a contextualização – situando a obra no tempo e no espaço, estabelecendo correlações com outras disciplinas (FIALHO e GARCIA, 2007, p. 827).

O objeto dessa pesquisa é o ensino da Arte nas escolas públicas municipais do Ensino Fundamental I da cidade de Itapetininga/SP, através de estratégias pautadas pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa. Dessa forma, a pesquisa seguiu a Abordagem Educacional, tendo em vista que ela consiste no direcionamento da pesquisa para o contexto das instituições escolares, ou seja, para o processo que envolve o ensino e a aprendizagem e para os elementos que a compõem, tanto humanos, quanto de ordem pedagógica. Os PCN e a Proposta Triangular apontam direcionamentos para o ensino da Arte e juntos se tornam complementares. De acordo com o educador brasileiro Paulo Freire (1997), “ensinar inexiste sem aprender” e “ensinar não é transferir conhecimento”, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Portanto, faz-se necessário que os professores conheçam tanto os PCN quanto a Proposta Triangular, para poderem se apropriar de seus recursos, tornarem-se mediadores efetivos do processo de aprendizagem, e enriquecer as propostas pedagógicas, tendo como meta o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos, pois “o professor, através do método que usa, é o agente provocador deste ou daquele componente mental” (BARBOSA, 1975, p. 63).

Muitos docentes encontram dificuldades em trabalhar a Arte com seus alunos, por falta de formação na área, e/ou pela questão dessa disciplina ainda ser tratada como menos relevante, passível de ser substituída. Podemos comprovar pelos relatos de professores que, são incumbidos em disponibilizam o horário de

suas aulas para serem desenvolvidas outras atividades com os alunos, nas quais não estão ligadas ao cumprimento do currículo escolar.

Enfrenta-se [...] no campo da educação escolar, a desvalorização da área de Arte, em função do preconceito e toda a ordem. Não se compreende o conhecimento artístico-estético como um campo propício para a inserção do aluno no universo artístico-cultural. As várias tendências pedagógicas revelam a compreensão do ensino-aprendizagem de cada época e estão presentes na formação do professor de Arte e nas práticas educativas correntes (MAGALHÃES, 2008, p. 163).

Segundo Ana Mae Barbosa (1975), a desvalorização da Arte na escola apresenta-se também no fato dessa disciplina ter, em muitas circunstâncias, se tornado sinônimo de perda de tempo ou mera recreação. Entretanto, sabe-se que, dependendo dos métodos de ensino, a Arte, por envolver conteúdos cognitivos, pode ser o meio específico para o desenvolvimento do processo criativo geral e não apenas um auxiliar como ainda é compreendida, erroneamente.

Em contrapartida, há escolas que, incluindo a Arte no currículo, pensam que estão resolvendo o problema do desenvolvimento criativo do aluno, descarregando sobre as aulas de Arte toda a responsabilidade da educação criativa. Entretanto, a educação criativa é de responsabilidade de todas as disciplinas, uma vez que é sabido que o conhecimento é global e não compartimentado, mas é importante reconhecer que o ensino e aprendizagem em artes, em função dos processos afetivos (e cognitivos) que mobiliza, auxilia para o enriquecimento do processo de aprendizagem dos demais conteúdos (BARBOSA, 1975).

Os professores precisam compreender as funções do ensino das artes e suas implicações para o desenvolvimento de seus alunos. “Existem professores dando aulas de arte que nunca leram nenhum livro de Arte-Educação e pensam que arte na escola é distribuir folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no Dia da Independência, e assim por diante” (BARBOSA, 2007, p. 18). Entretanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais explicitam as propostas e os objetivos do ensino da Arte nos diversos níveis escolares, e para cada tipo específico de linguagem artística: Artes Visuais (Artes plásticas, gráficas, vídeo, cinema, fotografia e novas tecnologias), Música, Teatro, Dança.

Com relação às competências e habilidades a serem desenvolvidas nos alunos até o final do Ensino Fundamental, os PCN-Arte abordam o percurso de

criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções; o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão na fruição e realização de produções artísticas; a interação com materiais, instrumentos e procedimentos variados; a autoconfiança com relação à produção artística pessoal; o respeito à própria produção e às dos colegas; a arte como fato histórico contextualizado em culturas diversificadas, bem como a diversidade de produções artísticas; e a apreciação de obras de arte de modo sensível (BRASIL, 1997).

Porém, Ana Mae Barbosa (2007) afirma que há falta de correspondência entre os objetivos e a prática real em sala de aula, reforçando que há dificuldades por parte de professores em trabalhar a arte de modo significativo e contextualizado:

Muitos professores são incapazes de promover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e até mesmo do fazer artístico como auto-expressão [...]. Nas artes visuais ainda domina em sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 a 1973. Evolução da práxis não tem lugar na sala de aula das escolas públicas [...] (BARBOSA, 2007, p. 11-12).

A pesquisa de campo realizada permitiu analisar processos de ensino e aprendizagem a fim de abordar estratégias de ensino de acordo com as propostas do Ministério da Educação e Cultura – MEC, explicitadas nos PCN.

Para além dos PCN, os escritos de Ana Mae Barbosa abordam, mediante uma série de pesquisas, as maneiras pelas quais o ensino da Arte pode se tornar significativo para os alunos, incluindo a necessidade da formação dos professores. Para a autora, os conteúdos da arte na escola devem estar claros, bem como a importância da história da arte, da crítica, da estética e do fazer artístico como inter-relação da forma e do conteúdo (BARBOSA, 2007).

Nos PCN, as propostas de trabalho, abordando as diferentes linguagens artísticas, referem-se à Proposta Triangular, embora essa ligação esteja implícita no texto, e a Proposta Triangular refere-se à maneira pela qual se processam os conhecimentos em Arte, às maneiras pelas quais os alunos aprendem efetivamente.

O conjunto de conteúdos está articulado dentro do contexto de ensino e aprendizagem em três eixos norteadores: a produção, a fruição e a reflexão.

A produção refere-se ao fazer artístico e ao conjunto de questões a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e dos produtores sociais de arte.

A fruição refere-se à apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Tal ação contempla a fruição da produção dos alunos e da produção histórico-social em sua diversidade.

A reflexão refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada do cidadão (BRASIL, 1997, p. 41).

Esses eixos norteadores abordados nos PCN são os mesmos eixos que Ana Mae Barbosa já havia salientado em sua Proposta Triangular: leitura de obra de arte, história da arte e fazer artístico, entendendo leitura como o que fazemos para refletir em relação ao conteúdo desenvolvido no processo de ensino e aprendizagem em arte (PILLAR, 2008).

É importante salientar que a Proposta Triangular não se aplica somente às artes. O ensino pautado nessa Proposta, prevê o inter-relacionamento das ações de ler, fazer e contextualizar. Essas ações propiciam o desenvolvimento das habilidades de decodificar, codificar, informar, refletir e experimentar (RIZZI, 2008), que precisam ser desenvolvidas nos alunos em qualquer área do conhecimento.

A partir dessa proposta, o uso das imagens em sala de aula tem papel muitíssimo importante, uma vez que elas permeiam cada vez mais o cotidiano das pessoas, principalmente na atualidade. Entretanto, dificilmente as imagens são usadas na escola de maneira a produzir resultados eficazes, pois somente levá-las para a sala de aula não é suficiente. É preciso que os alunos aprendam a olhá-las e analisá-las dentro de seu contexto. Segundo Ana Mae Barbosa (2007), as escolas, mesmo as particulares, pouco permitem atividades ligadas à apreciação artística e à história da arte, sendo as fontes de imagens mais frequentes às crianças a televisão, os cartazes das cidades, os desenhos para colorir que ainda perduram na escola e, na melhor das hipóteses, os desenhos produzidos pelos próprios alunos. A autora cita ainda que, da mesma forma que não se pode ensinar a ler sem utilizar livros, não se pode querer ensinar arte sem oferecer aos alunos a possibilidade de ver. A leitura de imagens e de obras artísticas é componente

indispensável no intuito de desenvolver as competências e habilidades necessárias.

Compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes. Enfim, apreciá-la, na sua pluralidade de sentidos, sejam imagens da Arte erudita, popular, internacional ou local; sejam produções dos alunos; o meio ambiente natural ou construído; imagens da televisão; embalagens; informações visuais diversas presentes no cotidiano (PILLAR, 2008, p. 81).

Através desses pressupostos, pode-se perceber a importância do uso das imagens nas aulas de artes, embora muitos professores tenham sido contra essa estratégia, conforme os registros de Ana Mae Barbosa no livro *A Imagem no Ensino da Arte*. No sentido de defender o uso da imagem em sala de aula, a autora afirma:

1. Que se o artista utiliza imagens de outros artistas, não temos o direito de sonegar estas imagens às crianças.
2. Que se preparamos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, as estamos preparando para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente.
3. Que a percepção pura da criança sem influência de imagens não existe realmente, uma vez que está provado que 82% de nosso conhecimento informal vem através de imagens. (BARBOSA, 2007, p. 20).

Estas afirmações reiteram a importância do uso das imagens como recurso pedagógico para o ensino da arte. Atualmente usa-se o termo *Cultura Visual*¹ para designar a multiplicidade das relações dos indivíduos com a diversidade de imagens presentes no cotidiano. É importante que os estudantes tenham contato e sejam levados a ler e refletir sobre as imagens produzidas pelos artistas, e também sobre as que estão presentes no meio em que vivem, a fim de analisá-las e de compreender a arte como linguagem.

Porém a leitura de imagens deve buscar levar os educandos a uma experiência do olhar, não se restringindo apenas a perguntas simplistas feitas pelo professor e às respostas dadas pelos alunos. Ao se trabalhar dessa forma, os

¹ Ana Mae Barbosa discorre sobre este conceito em seu texto *A cultura visual antes da cultura visual*, no qual aborda e classifica as diversas linhas da cultura visual.

alunos tornam-se capazes de perceber a diversidade que permite a atribuição de diferentes significados a uma mesma obra. Isso é o que Ana Mae Barbosa (2007) denominou de “diversidade da expressão individual”.

[...] é necessário compreender como a criança lê essas imagens, o que mais lhe impressiona, como ela interpreta e julga tais imagens. [...]

Neste sentido, o professor não ensina como ler, pois não há uma leitura como a mais correta, há atribuições de sentidos construídas pelo leitor em função das informações e dos seus interesses no momento. Não se trata tão pouco de uma visão espontaneísta, na qual a criança está exposta a imagens, sem problematizar, sem refletir sobre o que olha.

O ensino da Arte dentro de uma visão contemporânea, busca possibilitar atividades interessantes e compreensíveis à criança, por estarem adequadas ao seu processo de aquisição da leitura (PILLAR, 2008, p. 75-81).

As crianças, desde pequenas, se interessam por imagens e são capazes de refletir a respeito delas, levantando hipóteses, estabelecendo conclusões e adquirindo meios para ler o mundo imagético a sua volta, por meio da crítica, da reflexão e da compreensão a respeito da estruturação da gramática visual. Sendo assim, o papel do professor é o de direcionar este processo reflexivo, levando em consideração a etapa do desenvolvimento na qual a criança se encontra e selecionando estratégias de ensino significativas e contextualizadas, que propiciem a busca, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades. As rodas de apreciação e conversa são exemplos de situação didática onde a leitura de obra pode ser explorada na sala de aula. Nelas os estudantes têm a possibilidade de entrar em contato com obras artísticas, observá-las e refletir sobre elas a partir do direcionamento do professor, podendo verbalizar e socializar suas impressões, considerações e conclusões.

[...] A leitura de obra de arte envolve o questionamento, a busca, a descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos. As interpretações oriundas desse processo de leitura, relacionando sujeito/obra/contexto, não são passíveis de redução certo/errado. Podem ser julgadas por critérios tais como: pertinência, coerência, possibilidade, esclarecimento, abrangência, inclusividade, entre outros (RIZZI, 2008, p. 67).

Partindo para uma reflexão acerca do ensino da história da arte, vê-se que esta, no contexto da Proposta Triangular, “contextualizar a obra no tempo e explorar suas circunstâncias” (BARBOSA, 2007, p. 19). Sendo assim, todas as

imagens levadas aos alunos deveriam ser exploradas dentro desse critério, da contextualização, abordando a história (não somente da arte, mas também a História de um modo geral) pelas imagens, levando à compreensão de que a arte não se constitui em um elemento isolado, mas, pelo contrário, se fez e se faz presente nas sociedades. Ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino. Assim, estabelecem-se “relações que permitam a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem” (RIZZI, 2008, p. 69).

Em lugar de estarmos preocupados em mostrar a chamada “evolução” das formas artísticas através do tempo, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal.

Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Idéias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais (BARBOSA, 2007, p. 19).

“Segundo Ana Mae, é importante ressaltar que o objeto de interpretação é a obra e não o artista, não justificando processos adivinhatórios na tentativa de descobrir as ‘intenções do artista’” (RIZZI, 2008, p. 67). Daí a importância da história da arte, para que se analisem as obras dentro de seus contextos, não tirando conclusões precipitadas e equivocadas, sabendo contudo que o ponto de vista do artista, sendo diferente do que o do espectador, não é mais privilegiado mas sim diferente.

Já o fazer artístico vem no sentido de propiciar aos educandos a experimentação, tanto no que diz respeito ao uso dos materiais, quanto à experimentação do pensamento, ou seja, a possibilidade de refletir, traduzir em outras linguagens (artísticas) o que se pensa e o que se sente, reconhecendo em seu processo de aprendiz, as etapas pelas quais passam os artistas, entendendo a arte como uma linguagem, um meio de comunicação, adquirindo autoconfiança e respeitando a diversidade (BRASIL, 1997).

Entretanto, não se pode confundir fazer artístico, releitura com reprodução de obra de arte, o que foi (e ainda é) muito utilizado pelos professores nas escolas, atividade que apenas enfatiza a cópia de um modelo pré-estabelecido, não proporcionando aos alunos a reflexão, a interpretação e a criação.

A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico (por apropriação de procedimentos e tentativa de imitação nas resoluções de problemas), sem transformação, sem interpretação e sem criação. Na releitura há transformação, interpretação e criação com base em um referencial: o texto visual que pode estar explícito ou implícito no trabalho final do aluno. Ambas são atividades de ensino, mas uma é da ordem da reprodução e outra da criação (RIZZI, 2008, p. 69).

Portanto, a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, quando bem empregada, permite o alcance dos objetivos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, vindo de encontro com as necessidades da educação atual na área de Arte e, especialmente, no que diz respeito às Artes Visuais, que apresentam-se como o foco deste trabalho.

4. A PROPOSTA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITAPETININGA/SP PARA O ENSINO DA ARTE NAS ESCOLAS

A Rede Municipal de Ensino de Itapetininga/SP, por meio da Secretaria de Educação e do Departamento Técnico Pedagógico, conta com o trabalho da professora S. S.², uma profissional graduada em Educação Artística pela Faculdade Mozarteum de São Paulo e Mestre em Música pela UNESP, que ocupa o cargo de Assessora das áreas de Artes e Música e atua como orientadora dos professores desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II, e que transmitiu algumas informações importantes acerca do ensino da Arte nas escolas municipais de Itapetininga/SP.

Segundo S. S., o documento norteador para o ensino das Artes Visuais são os PCN, e os objetivos são atingidos por meio das situações didáticas propostas nas apostilas SOME³. A Proposta Triangular permeia o processo de ensino-aprendizagem, e passa a ser abordada implicitamente, ou seja, desde o início de seus trabalhos na Rede, não houve reuniões com os professores nas quais a Proposta Triangular estivesse em pauta e fosse discutida, embora muitas das atividades apresentadas nas apostilas sigam linhas de trabalhos semelhante à Proposta de Ana Mae Barbosa.

A Assessora também citou que, infelizmente, a cobrança sobre as demais disciplinas, principalmente Língua Portuguesa e Matemática, em decorrência inclusive dos instrumentos de avaliação governamentais SARESP⁴ e Provinha Brasil⁵, acabam fazendo com que a preocupação com o ensino da Arte fique em segundo plano e seja pouco discutido. Durante este ano de 2012, os professores tiveram poucas reuniões pedagógicas nas quais o tema principal fosse a disciplina de artes. Nessas reuniões o principal tema tratado foi o uso da apostila, pois muitos professores sentem-se inseguros em desenvolver o conteúdo com os alunos, de

² Iniciais do nome da entrevistada, a fim de resguardar sua privacidade.

³ Sistema Objetivo Municipal de Ensino.

⁴ Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

⁵ Avaliação diagnóstica aplicada aos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I.

modo que necessitavam de orientações para desenvolverem de forma satisfatória as situações didáticas propostas pela apostila. Ao final a Assessora pontuou que, através da Arte, todas as outras disciplinas podem ser trabalhadas e que, talvez quando as instâncias superiores se derem conta disso, essa área do conhecimento passe a ser mais valorizada.

Os PCN e a Proposta Triangular são materiais de leitura indispensável aos professores que trabalham a disciplina de artes com seus alunos, pois são norteadores do ensino e geram reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem em artes. Constituindo item essencial na pauta das reuniões de professores, tanto os PCN como a Proposta Triangular poderiam ser abordados de maneira explícita, levando o corpo docente à discussão sobre eles e à compreensão de seus pressupostos para, a partir de então, realizar os estudos das propostas contidas nas apostilas, podendo avaliar criticamente e com maior segurança a aplicação e a pertinência destas propostas, visando sanar a falta de correspondência entre os objetivos e a prática (BARBOSA, 2007).

Os estudos de Ana Mae Barbosa (1975), e uma experiência pessoal de pesquisa demonstram que o ensino da arte no Brasil continua sendo banalizado. Mesmo nas Redes e Instituições de ensino que reconhecem sua importância para o desenvolvimento humano, a esta disciplina é dada menor atenção, devido às exigências atribuídas às outras disciplinas e ao fato da disciplina de arte ter se tornado sinônimo de mera recreação (BARBOSA, 1975). Embora este seja um problema de ordem nacional, cabe às Redes e Instituições procurar investir em encontros de formação para os professores e dividir os temas entre esses encontros, de modo que haja amplos momentos de estudo e reflexão destinados a cada disciplina. Os conteúdos da arte devem estar claros para os professores (BARBOSA, 2007), a fim de que possam conduzir os alunos à reflexão, à atribuição de significados e à compreensão de imagens de naturezas diversas (PILLAR, 2008). Dessa forma, inter-relacionam-se as ações de decodificar/codificar, experimentar, informar e refletir, decorrentes das ações de ler, fazer e contextualizar (RIZZI, 2008).

“A Arte é a disciplina do currículo que atinge o desenvolvimento do educando numa maior variedade de dimensões” (BARBOSA, 1975, p. 106). Os estudos de Ana Mae Barbosa (1975) comprovam que os conteúdos cognitivos

envolvidos no processo de criação auxiliam no processo de aprendizagem dos demais conteúdos. Segundo RIZZI (2008), a contextualização, no processo de aplicação prática da Proposta Triangular, estabelece a interdisciplinaridade, pois, operando no domínio da História da Arte, opera também na esfera de outras áreas do conhecimento.

4.1. Ensino e Aprendizagem no ensino fundamental I: Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Zarife Yared

Na EMEF Profª Zarife Yared, situada no centro da cidade de Itapetininga/SP⁶, o público-alvo se constitui de alunos residentes nas próprias redondezas e também em bairros vizinhos. São, na maioria, alunos provenientes de famílias de classe média.

Ao todo são dezesseis turmas, do 2º ao 5º ano, divididas entre o período da manhã e da tarde. A pesquisa de campo foi realizada durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro de 2012, com as turmas do período da tarde:

- 2º ano C
- 2º ano D
- 3º ano C
- 3º ano D
- 4º ano C
- 4º ano D
- 5º ano C
- 5º ano D

⁶ A cidade de Itapetininga/SP possui mais de 150 mil habitantes e economia diversificada, amplamente voltada à agricultura, constituindo o maior PIB agrícola do Estado. 67,34% dos trabalhadores registrados ganham até dois salários mínimos, de acordo com índices da Prefeitura Municipal de Itapetininga/SP. Sob o título de “Terra das Escolas”, possui instituições de ensino públicas e privadas abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. A cidade oferece opções de lazer e cultura; entre as principais estão as praças, as áreas de lazer, o Teatro FIESP/SESI, a Biblioteca Municipal, o Centro Cultural e o Itapetininga Shopping (Fontes: Diagnóstico Social de Itapetininga/SP; Prefeitura de Itapetininga/SP).

Pela pesquisa de campo foi possível observar a alegação de todos os professores devido ao desconhecimento em relação à Proposta Triangular desenvolvida pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. Embora a Proposta Triangular seja abordada implicitamente nas reuniões pedagógicas, nota-se que isso não é suficiente para que os professores se apropriem dos fundamentos da aplicação em sala de aula dessa Proposta.

Através das entrevistas realizadas foi possível saber que, entre as principais competências e habilidades que almejam desenvolver em seus alunos com relação ao ensino em artes, estão:

- Desenvolver as habilidades motoras através de linguagens diversas;
- Desenvolver a percepção, a sensibilidade, a criatividade, a organização, a noção espacial e temporal, a lateralidade;
- Conhecer e reconhecer obras de artistas famosos;
- Conhecer biografia de autores de obras;
- Aproximar a Arte dos alunos;
- Fazer leitura de obras em diferentes situações e refletir sobre as obras artísticas;
- Aprimorar as noções a respeito das cores e das formas geométricas;
- Entrar em contato com diversos recursos, técnicas e estilos de pintura, desenho e música;
- Conhecer técnicas como: ampliação, redução e mistura de cores;
- Utilizar os materiais disponíveis com competência e organização;
- Apreciar obras de artistas, apreciar as próprias produções e as dos colegas;
- Saber aproveitar totalmente o espaço disponível para a realização de suas produções artísticas;
- Expressar-se por meio da Arte;
- Utilizar as cores de maneira coerente;
- Utilizar a tesoura com competência;
- Entender que a Arte é uma expressão humana, uma linguagem;
- Ampliar o vocabulário e as formas de ver, sentir e se expressar;
- Participar de experiências estéticas;

- Compreender como se realiza uma releitura de obra;
- Reproduzir, com detalhes, obras conhecidas;
- Desenvolver o gosto pelo desenho.

É possível perceber que alguns desses objetivos descritos pelos professores demonstram coerência com os pressupostos dos PCN. Alguns outros objetivos valorizam o desenvolvimento da coordenação motora e o desenvolvimento da criatividade, demonstrando certa dificuldade em pensar o ensino da arte de acordo com o que é proposto pelos PCN e pela Proposta Triangular.

[...] os mais difundidos objetivos da Arte-Educação nas escolas primárias brasileiras ainda são: 1. Liberação emocional. 2. Desenvolvimento da coordenação motora [...]. 3. O espúrio objetivo de recreação do professor [...] 4. Auxiliar pedagógico, subordinado às outras disciplinas ou como expressão de aula. 5. Desenvolvimento da criatividade, que é um objetivo bastante indefinido [...] (BARBOSA, 1975, p. 47).

Através da pesquisa de campo, foi possível observar o relato dos professores com relação ao fato de que as aulas de Arte acabam sendo menosprezadas, em decorrência da cobrança sobre as demais disciplinas, como já foi exposto. Essa situação os incomoda, mas não veem solução, uma vez que seguem um ritmo de trabalho pré-determinado em virtude dos sistemas de avaliação, também já explicitados. Eles também consideram que apenas uma aula de Arte por semana, que tem a duração de 50 minutos, é insuficiente devido ao fato dos alunos apresentarem interesse, mas os professores ficam restritos a esse tempo curto.

Segundo a pesquisa de campo desenvolvida, foi possível observar que os professores demonstram apresentar dúvidas a respeito de como desenvolver o processo de ensino e aprendizagem em artes, dizem não conhecerem a Proposta Triangular e ter poucos encontros de formação em Arte promovidos pela Rede Municipal de Ensino. Muitos desses professores gostariam que fossem disponibilizados profissionais com formações específicas em licenciatura em artes para trabalhar nas escolas do Ensino Fundamental I, pois se sentem sobrecarregados tendo que ministrar aulas de todas as disciplinas, com exceção apenas de Educação Física, na qual há o professor especialista.

Embora a Rede Municipal de Ensino de Itapetininga adote sistema apostilado, o uso das apostilas nas aulas de Arte não é rígido. Os fascículos de Arte referentes ao Ensino Fundamental I contam, separadamente, com propostas para o ensino das Artes Visuais e plásticas e também para música, nos quais são divididos por semestre. Através da pesquisa de campo, observou-se que os professores optam por trabalhar as artes visuais. A música é pouco ou quase nada explorada nas aulas. No lugar das aulas de música, os professores aplicam atividades de Artes Visuais. Quando a apostila de artes visuais termina, os professores pesquisam e aplicam outras atividades de artes visuais.

As escolas municipais de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itapetininga/SP contam com professores que atuam na área de música e que ficam, então, incumbidos de trabalhar especificamente essa disciplina com os alunos. Entretanto, na EMEF Prof^a Zarife Yared, há esse profissional apenas no período matutino e não no vespertino, período no qual foi realizada a pesquisa de campo.



Figura 1 - EMEF Prof^a Zarife Yared - Itapetininga/SP

4.2. Relato das observações das aulas dos segundos anos

A seguir encontram-se os textos referentes ao relato dos processos pedagógicos identificados segundo a pesquisa de campo desenvolvida. Os comentários e análise encontram-se descritos posteriormente, no item 3.

4.2.1. 2º ano C: Aula 1

A professora não usou apostila, pois alegou já ter concluído a do primeiro semestre e ainda não ter recebido a do segundo. Ela apresentou aos alunos a obra “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” (1955), de Alfredo Volpi (1896-1988), dizendo o título e o nome do autor. A professora questionou os alunos perguntando se alguém já conhecia aquela obra. As crianças demonstraram interesse e perguntaram se a obra havia sido feita com tinta. Em seguida, a professora propôs que os alunos fizessem uma releitura, podendo agregar itens, mas “sem fugir muito do original” e afixou a imagem na lousa. Alguns alunos chegavam bem perto, para observar melhor e tentar reproduzir o mais fielmente possível.

Durante a aula a professora passava pelas carteiras e elogiava os desenhos das crianças. Ao final, ela afixou as produções na lousa.

Os materiais utilizados foram: papel sulfite branco, lápis preto, lápis de cor, giz de cera e canetas diversas.

4.2.2. 2º ano C: Aula 2

A professora iniciou a aula conversando com os alunos e lembrando a atividade da apostila na qual haviam experimentado texturas macias e realizado colagem com as mesmas. Em seguida ela mostrou dois tipos de textura: uma natural (folhas de plantas) e uma fabricada (pedaços de lixa de parede), e distribuiu uma de cada para as crianças. Também fez questionamentos sobre a lixa. Perguntou se era áspera ou macia; natural ou artificial.

Foram distribuídas folhas de papel sulfite branco. A professora falou que, nesta atividade, os alunos usariam lápis preto, lápis de cor e giz de cera apenas.

Enfatizou que não deveriam utilizar canetas. Em seguida foi dada a comanda: os alunos deveriam pôr a lixa e a folha de planta sob a folha de papel e pintar com lápis de cor ou giz de cera, criando uma composição e percebendo o relevo. A professora sugeriu que também desenhassem uma paisagem em volta dos desenhos feitos com as texturas.

No decorrer da aula a professora passava pelas carteiras auxiliando, quando havia necessidade, além de observar as produções de todos. Ela sugeriu e permitiu que colassem as texturas sobre o papel, se assim desejassem.

Os alunos seguiram a proposta e realizaram com autonomia e interesse. Ao final, os trabalhos foram expostos afixados em uma das paredes da sala.



Figura 2 - Desenho com textura

4.2.3. 2º ano C: Aula 3

A professora apresentou o tema folclore aos alunos. Disse que, ao final do estudo desse tema (dali a duas semanas), confeccionariam um adorno, um chapéu com sucata. Então ela mostrou figuras contidas na apostila, de adornos e objetos referentes à arte popular (cestaria, esculturas, chapéu, etc.).

Em seguida apresentou aos alunos alguns ditados populares, as crianças demonstraram-se participativas falando os ditados que conheciam. A professora explicou sobre o significado do folclore e depois distribuiu uma folha de papel sulfite branco para cada aluno, pediu que escrevessem um ditado popular e que desenvolvessem um desenho a partir do ditado popular escolhido, com lápis, lápis de cor, canetas, giz de cera. Ela os orientou a preencher todo o espaço da folha.

4.2.4. 2º ano C: Aula 4

Nesta aula novamente a apostila não foi utilizada como recurso pedagógico. A proposta era de união entre as disciplinas de Ciências e Artes Visuais. A princípio a professora mostrou figuras de árvores e de animais, e a turma ia falando de qual árvore ou animal se tratava e em qual região do Brasil se encontra. A aula se constituiu da montagem de um painel coletivo (colagem) no qual a professora colava as figuras em um cartaz no qual havia o mapa do Brasil desenhado (cada figura ia sendo colada de acordo com a região onde se encontra).

Após essa atividade, a professora distribuiu uma folha de papel sulfite para cada criança, no qual constava a seguinte comanda: “Cole uma imagem de planta ou desenhe-a e diga que tipo de planta ela é”. A professora escreveu na lousa os tipos de plantas: árvore frutífera, árvore de grande porte, planta aquática, planta aérea, planta rasteira, planta venenosa, planta carnívora e planta incompleta.

4.2.5. 2º ano C: Aula 5

Nesta aula a apostila foi utilizada na qual foi abordado o tema colagem. Os alunos desenvolveram observações das imagens da apostila: “Garrafa de Vieux Marc, guitarra, copo e jornal” (1913), de Pablo Picasso (1881-1973). A professora comentou sobre a obra e questionou os alunos sobre a imagem e sobre a técnica: jornal recortado e colado, não se aprofundando nas reflexões. Ela também falou brevemente a respeito do início do Modernismo, mas não se aprofundou na história da obra, nem na história do artista.

A proposta de produção consistia no recorte em revistas, feito pelos alunos, das letras de seus nomes e colagem no espaço da apostila destinado a esse fim. Além das letras, os alunos deveriam também recortar outros elementos, formando uma composição. Entretanto, muitos alunos recortaram apenas as letras e a professora aceitou, da mesma forma, esses trabalhos.



Figura 3 - Recorte das letras do nome



Figura 4 - Colagem utilizando recortes das letras do nome

4.2.6. 2º ano D: Aula 6

A proposta era continuação de aula anterior. A professora havia, minutos antes, riscado os formatos dos pés dos alunos, também dos olhos, nariz e boca em papel cartão branco, pois se tratava de uma máscara. Então ela iniciou a aula mostrando essa máscara ainda incompleta, os alunos é que iriam finalizá-la, e falando a respeito do folclore, lembrando inclusive o desenho que os alunos haviam feito em aula anterior, com esse mesmo tema. Em seguida, ela leu o poema “Bicho Esquisito⁷”, de Izildinha Houch Micheski, e explicou aos alunos como deveriam realizar a atividade: disse que confeccionariam seus bichos esquisitos e, mostrando um exemplo, falou que as folhas de papel já estavam riscadas e dobradas de modo a permitir que as crianças recortassem a metade e já estivessem, ao mesmo tempo, recortando a outra metade, obtendo assim a

⁷ Revista “Projetos Escolares Educação Infantil”, nº 27, ano desconhecido.

máscara completa. A professora foi passando por entre as carteiras e auxiliando os alunos a recortarem os olhos, parte mais difícil para as crianças.

Depois do recorte, foi solicitado que colorissem seu “bicho esquisito” com guache e pincel, procurando deixá-lo o mais esquisito possível. Os alunos também foram orientados a terem organização e cuidado ao utilizar os materiais. A professora salientou que deveriam: selecionar mentalmente as cores de cada área da máscara; pintar todas as áreas de determinada cor, depois todas as áreas da outra cor e assim por diante; limpar o pincel cada vez que fossem introduzi-lo em outro pote de tinta. Ao final, as máscaras foram apoiadas na lousa, para secarem e os alunos puderam observar as produções dos colegas.



Figura 5 - Máscaras "Bicho Esquisito"

4.2.7. 2º ano D: Aula 7

Nesta aula a professora utilizou uma situação didática proposta na apostila. Ela falou, inicialmente, sobre as diferentes expressões faciais, citando a história “A Fada Emburrada” (2011), de Alessandra Pontes Roscoe (1969), que não consta na apostila, mas que já havia sido trabalhada em outro momento. Nesta história a fada, que era emburrada, no final fica feliz. A professora, então, leu a página da apostila na qual continha a seguinte proposta de desenho: a figura dos contornos de um rosto, nos quais as crianças deveriam escolher uma expressão facial e desenhar com lápis e lápis de cor. Havia alguns modelos na apostila, para a criança se embasar.

A professora explorou o tema conversando com os alunos e estes, por sua vez, iam exemplificando as expressões faciais que ela citava. Ela orientou a pensarem antes de desenhar, para não ficarem apagando o desenho muitas vezes.

No final da aula, cada aluno expôs sua produção, indo até a lousa. A professora incentivava a turma a descobrir qual expressão havia sido retratada por cada aluno e perguntava de um por um qual a expressão havia desenhado e por quê.

4.2.8. 2º ano D: Aula 8

A proposta para essa aula se constituiu no concurso cultural de uma marca de tintas de parede. A professora explicou sobre o concurso e leu parte do regulamento às crianças, dizendo que seriam avaliados tanto o desenho, feito a lápis, quanto o colorido, feito com lápis de cor. Foram tratados outros itens relacionados ao regulamento.

O tema era “Divertindo-se com as cores”. A partir dessa proposta, a professora procurou estimular os alunos primeiro a pensarem em coisas divertidas e coloridas e depois a desenharem coisas bem coloridas e alegres. Ela citou alguns exemplos: arco-íris, pirulito, roupas, jardins, flores, borboletas, brinquedos, animais, aquarela, etc. As crianças iam verbalizando também.

A professora os estimulou a usarem todo o espaço da folha de papel sulfite branca e a desenhar não apenas um, mas vários itens, e também a colorirem o fundo do desenho. Além disso, orientou-os a não apertarem o lápis ao desenhar, e a não amassarem, sujarem ou rasgarem suas folhas.

4.2.9. 2º ano D: Aula 9

A professora iniciou a aula dizendo que iriam trabalhar com texturas e colagem, e explicou a proposta: as crianças deveriam seguir o tema “Meio Ambiente” (relacionando a produção ao que está sendo estudado na disciplina de Ciências). Ela orientou seus alunos a, num primeiro momento, pensarem sobre o que gostariam de compor: Flores? Árvores? Etc.

Em seguida, deveriam, aos poucos, ir até a carteira na qual haviam papeis diversos e recortar a dedo os pedaços que precisariam para utilizar em suas obras. De volta à suas carteiras, deveriam desenhar nesses papeis as formas, recortar com tesoura e colar na página da apostila destinada a esse fim. Além dos papeis, foram disponibilizadas canetas hidrocor para os alunos desenharem detalhes como flores e/ou frutinhas nas árvores, por exemplo.

A professora permitiu que os alunos colorissem com lápis de cor ou giz de cera o fundo da produção, se assim desejassem. Ao final, como na aula anterior, houve as apresentações das produções, sempre mediadas pela professora.



Figura 6 - Colagem utilizando papéis de diferentes texturas



Figura 7 - Colagens utilizando papéis de diferentes texturas



Figura 8 - Apresentação das produções de colagem utilizando papéis de diferentes texturas

4.3. Relato das observações das aulas dos terceiros anos

4.3.1. 3º ano C: Aula 10

O tema da aula era pontilhismo. A professora explicou aos alunos que se trata de “um desenho feito só com pontos e/ou preenchido por pontos”, e lembrou a capa da prova que havia sido feita utilizando esta técnica.

Em folhas de papel sulfite branco, os alunos deveriam realizar um desenho livre utilizando essa técnica. Poderiam desenhar e preencher com os pontos, ou desenhar normalmente à lápis e apenas preencher com o pontilhismo. Os alunos utilizaram lápis preto, canetas hidrocor e régua.

Durante a aula, a professora passeava por entre as carteiras, observando as produções, fazendo comentários e intervindo quando julgava necessário, questionando sobre os materiais que usariam, sobre seus desenhos e a forma de aplicação da técnica sobre eles.

Alguns alunos apresentaram dificuldade de compreensão da técnica, apenas contornando com o pontilhismo e colorindo o centro das figuras normalmente com lápis de cor, por exemplo, fatos que a professora intervinha, procurando levar as crianças à compreensão da proposta. Mesmo assim, alguns alunos pouco utilizaram a técnica do pontilhismo, dando preferência ao desenho convencional em grande parte da produção.

Ao final, os trabalhos foram expostos afixados em uma das paredes da sala.

4.3.2. 3º ano C: Aula 11

Para esta aula as carteiras foram dispostas em duplas.

O tema era o folclore e a apostila foi utilizada. A professora questionou os alunos a respeito do dia e do significado do folclore e disse a eles que se trata da tradição e do saber do povo e que também se manifesta na Arte. Então fez a leitura de um texto da apostila e lembrou, junto à turma, os conteúdos folclóricos estudados nas demais disciplinas.

Um aluno havia levado um *bibloquê* (ou *bilboquê*, como é conhecido em algumas regiões) brinquedo antigo, e a professora proporcionou um momento no qual ele expôs esse brinquedo folclórico aos colegas. Em seguida foi feita a observação de figuras de obras de arte contidas na apostila: esculturas de cerâmica, de madeira e de sucata, figuras da dança do pau de fita, arte que é passada de geração a geração. Durante a leitura de imagens as crianças também expunham suas ideias e experiências.

Em seguida, a professora continuou propondo leitura de imagens, porém com um enfoque diferente: abordando o tema colagem. Neste momento, observaram as seguintes imagens contidas na apostila: “Violino e Cachimbo” (1913), de Georges Braque (1882-1963); “Guitarra” (1913), de Pablo Picasso (1881-1973); “Girassóis” (1888) e “Rosas Brancas” (1890), de Vincent Van Gogh (1853-1890); e “Arranjos Florais”, da Revista Fazendo Arte.

A proposta de produção foi de recorte e colagem. Os alunos deveriam, em primeiro lugar, fazer a lápis o desenho de um vaso na folha da apostila e, depois, de acordo com a comanda da própria apostila, recortar imagens de flores e realizar uma colagem acima do desenho do vaso, podendo também complementar sua obra com outros recortes, se assim desejassem.

4.3.3. 3º ano C: Aula 12

Esta aula também foi destinada à atividade de desenho referente ao concurso de uma marca de tintas de parede e as orientações foram similares às da aula 8.

4.3.4. 3º ano C: Aula 13

A professora deu início à aula perguntando aos alunos se sabiam algo sobre Pablo Picasso (1881-1973). Depois leu a biografia breve do artista e falou sobre a obra “Guernica” (1937), citando o Movimento Cubista, mas não se aprofundando em suas questões. Também falou sobre o período em que a obra foi feita: a intencionalidade do autor de retratar a guerra que houve cidade de Guernica. Fez a leitura da cronologia artística de Picasso, enfatizando o fato das realizações das

obras serem influenciadas pelos períodos sociais, históricos e emocionais pelos quais passam os artistas.

Em seguida, mostrou a figura da obra “Guernica” (1937) e proporcionou uma leitura da imagem, comentando e deixando também os alunos verbalizarem a respeito de suas impressões. A professora procurou direcionar o olhar dos alunos para o fato do pintor retratar as formas humanas de uma maneira diferente, pouco convencional. A professora procurou abordar, durante a conversa com os alunos, o estilo de cada pessoa realizar obras artísticas, e exemplificou dizendo que os artistas também possuem estilos diferentes e que o estilo do artista Picasso (1881-1973) difere do estilo do artista Michelangelo (1475-1564).

A professora afixou a imagem da obra na lousa, distribuiu folhas de papel sulfite branco e explicou que não deveriam copiar a obra de Picasso, mas sim realizar uma criação, um desenho baseado naquela obra. Em seguida, os alunos puderam pintar com guache e pincel seus desenhos. A professora também estimulou os alunos a intitular suas obras de arte.

4.3.5. 3º ano D: Aula 14

A professora não utilizou a apostila. Ela solicitou à criança que desempenhava o papel de ajudante do dia, que distribuísse uma folha de cartolina azul (recortada em tamanho maior que o sulfite) para cada colega. Também foram distribuídos potes de guache, pinceis e palitos de picolé. A proposta era de pintura com textura. Os alunos deveriam pintar com o guache na folha e, logo em seguida, passar o palito na(s) direção(ões) que quisessem, como que desenhando, criando uma textura.

Para a realização dessa atividade as orientações foram as seguintes: não copiar do colega, misturar cores nas tampinhas dos potes (se quisessem criar novas cores), não usar tinta em excesso, tomar cuidado para não sujar a mesa, ao final organizar o material, limpar o pincel e colocar a folha no local combinado.

4.3.6. 3º ano D: Aula 15

Aproveitando o tema estudado na disciplina de Ciências – animais invertebrados - a professora propôs a confecção da dobradura de uma centopeia. Os alunos receberam quatro pedaços de papel dobradura recortados na forma de quadrados de 8 x 8 cm e a professora foi realizando cada etapa de modo que os alunos pudessem visualizar bem e auxiliava-os quando necessário. Depois deveriam encaixar as partes, formando o animal e colar em cartolinas que estavam afixadas na lousa, formando cartazes. Após esta etapa, deveriam desenhar, com canetas hidro cor, os olhos, boca, patas e antenas da centopeia, bem como escrever seus nomes logo abaixo delas. A professora sugeriu que cada um fizesse o desenho de um “matinho” logo abaixo da sua centopeia.



Figura 9 - Aula: dobraduras "centopeia"

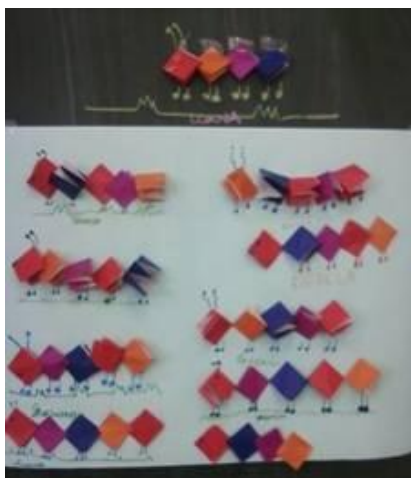


Figura 10 - Dobraduras "centopeia"

4.3.7. 3º ano D: Aula 16

O tema da aula inicialmente era o folclore e a professora utilizou a apostila, fazendo a leitura de todas as imagens citadas na aula 11, comentando sobretudo a respeito dos temas abordados nas obras.

Em seguida, a professora abordou o tema colagem e a proposta de produção foi de recorte de figuras de revista e colagem em papel. Para exemplificar, a professora criou uma obra naquele momento, numa folha de papel afixada na lousa, a qual deu um título. Na lousa ela escreveu o título de sua obra (“O ‘X’ da Alimentação”), o ano (2012), as dimensões (21 x 30 cm) e o nome da autora (“L. R.”), tal como as crianças deveriam redigir no verso das folhas de suas produções.

Elas deveriam recortar figuras de revistas e realizar uma composição, utilizando a técnica da colagem, inspiradas pelas imagens que haviam observado. A professora as orientou a montarem as figuras de uma maneira diferente da que estavam na revista, dando “outra segmentação”.



Figura 11 - Exemplo da professora para a atividade de recorte e colagem



Figura 12 - Recorte e colagem



Figura 13 - Recorte e colagem I



Figura 14 - Recorte e colagem II

4.3.8. 3º ano D: Aula 17

Para esta aula as carteiras estavam disponibilizadas de modo a formar três grandes grupos.

Feitas novamente as leituras de imagem da apostila citadas nas aulas 11 e 16, referentes às obras feitas utilizando a técnica da colagem, a professora disponibilizou, nos grupos, materiais diversos para os alunos criarem uma obra que retratasse um vaso de planta inspirados pelas obras de Van Gogh (1853-1890): em um grupo, guache e pinceis; em outro, materiais para recorte e colagem: tesouras, papéis diversos, palitos, cola, forminhas de doces, etc.; e no terceiro, giz de lousa e água. Todos podiam também utilizar seus lápis e canetas. Os alunos sentaram nos grupos de acordo com os materiais e a técnica que queriam utilizar, podendo também mesclar técnicas.

A professora ensinou a confeccionarem “flores” com as forminhas de doces, através de recorte e colagem. Os alunos que utilizaram o guache podiam realizar misturas para obterem novas cores e tonalidades.

Ao final da aula, a professora propôs que os alunos transitassem pela sala para observar as produções dos colegas, produções essas que estavam sobre as carteiras e eram tratadas sempre pela professora como obras de arte. Ela ressaltou o fato de que, mesmo utilizando os mesmos materiais e técnicas, as obras não ficam iguais, pois cada um tem seu estilo de fazer arte.



Figura 15 - Releitura de obra de Van Gogh (1853-1890)



Figura 16 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) I



Figura 17 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) II



Figura 18 - Releituras de obra de Van Gogh (1853-1890) III

4.3.9. 3º ano D: Aula 18

Anteriormente à aula de Artes Visuais, a professora havia escrito uma lista coletiva na lousa de personagens folclóricos. Então ela mostrou algumas imagens desses personagens e as deixou expostas.

Em seguida propôs aos alunos a confecção de massa de modelar caseira e modelagem dos personagens da lista. Cada aluno, após receber sua porção de massa de modelar, deveria escolher um dos personagens para construir.

A professora escreveu a receita na lousa e foi explicando aos alunos. Então, logo após, ela foi lendo a receita e pedindo a diversos alunos que fossem medindo e colocando os ingredientes na bacia que estava sobre a sua mesa. Ela os auxiliava. Foi necessário fazer três receitas, de modo que, assim, todos puderam participar do processo de confecção da massa.

Os alunos já estavam sentados em suas cadeiras quando uma das crianças distribuiu uma folha de papel toalha para cada um e a professora dividiu e distribuiu

as porções de massa. Ela explicou que fariam a modelagem com a massinha na cor natural, só depois é que iriam colorir com guache, após a secagem.



Figura 19 - Modelagem de personagens folclóricos



Figura 20 - Modelagens de personagens folclóricos

4.3.10. 3º ano D: Aula 19

A professora iniciou a aula dizendo que construiriam uma maquete sobre os répteis, conteúdo que estava sendo estudado na disciplina de Ciências. Perguntou quais desses animais os alunos se lembravam e as crianças foram falando. Ela também os questionou a respeito das características desses animais, as quais as crianças foram falando com base num cartaz que estava afixado na sala.

Três alunos levaram dinossauros de brinquedo, a pedido da professora em aula anterior, e um dos alunos levou a sala de aula um livro que continha figuras de dinossauros. Todos esses elementos ficaram expostos sobre a mesa da professora, para que os alunos pudessem ter modelos a seguir.

Eles deveriam confeccionar, por meio de modelagem com massa industrializada, duas espécies de répteis, podendo misturar cores. As carteiras para essa aula estavam dispostas em três grandes grupos, como na aula 17. Em cada um desses grupos havia crianças que não tinham levado massinha. A professora orientou os alunos de cada grupo a doarem uma pequena porção de sua massinha, de modo que essas crianças que não tinham levado ficassem com uma boa quantidade para poderem também participar da aula, criando seu animal por meio da modelagem.



Figura 21 - Modelagens de animais (répteis)



Figura 22 - Modelagens de animais (répteis) I

4.4. Relato das observações das aulas dos quartos anos

4.4.1. 4º ano C: Aula 20

A professora não utilizou a apostila. A proposta era desenho livre em papel criativo com lápis, lápis de cor ou giz de cera. A professora orientou os alunos a utilizarem variedade de cores, cores fortes e cores claras, pois uma aluna estava desenhando somente com a cor branca. A professora disse para os alunos usarem a criatividade e sugeriu alguns temas para o desenho: festa junina, meio ambiente, borboletas, carros. Durante a aula a professora passava pelas carteiras e elogiava os desenhos das crianças.

4.4.2. 4º ano C: Aula 21

O tema da aula, no início, era o folclore e a apostila foi utilizada. A professora iniciou a aula perguntando aos alunos o que é comemorado a respeito do folclore e o que é folclore. As crianças, em suas respostas, enfatizaram as lendas e a professora entrevistou, dizendo que existiam outras manifestações folclóricas como as danças, histórias comidas, brincadeiras, músicas de ninar, festas juninas, carnaval, bumba-meu-boi e crendices.

Em seguida, com base na proposta da apostila, a professora deu enfoque às manifestações artísticas populares referentes aos trançados, pinturas e esculturas, conversando com os alunos a esse respeito. As crianças puderam observar em

suas apostilas a figura de uma bolsa de palha. A professora comentou que, quando estudante, construiu, como atividade da disciplina “Educação para o lar”, alguns objetos como ralo feito com lata de óleo, descanso de panela e carrancas. Um dos alunos leu um trecho de um texto contido na apostila sobre a festa do Bumba-meu-boi.

A partir de então, o tema da aula mudou e a professora explicou sobre colagem monocromática e colagem policromática, contidos na apostila. Ela disse que colagem monocromática se dá quando é utilizado tom sobre tom, ou seja, os diferentes tons de uma única cor. Por exemplo, a obra “O Mar da Polinésia” (1946), de Henri Matisse (1869-1954). Já colagem policromática se dá quando são utilizadas várias cores. Por exemplo, as obras “O Circo” (1947) e “Zulma” (1950), também de Matisse (1869-1954). As figuras das obras estavam impressas na apostila, de modo que os alunos puderam observá-las.

Para explicar a proposta de criação, que era a de um painel com fundo monocromático, a professora foi desenhando na lousa. Os alunos foram orientados a dividir a folha de papel sulfite em seis partes, pensarem e escolherem seis desenhos simples, e desenhar cada um desses desenhos em um dos seis espaços da folha. A professora sugeriu alguns desenhos: sol, barco, coração, coroa, estrela e flor, enfatizando que deveriam ser formas simples, sem detalhes. Ao final do desenho, os estudantes deveriam escolher dois tons de uma mesma cor e colorir de maneira monocromática as divisões do fundo do painel, utilizando lápis de cor. Algumas crianças não compreenderam a proposta e coloriram o fundo do painel de maneira policromática.

A proposta de produção da apostila sugeria colagem de figuras e não desenhos.

4.4.3. 4º ano C: Aula 22

A aula foi destinada á confecção de um cartão, que os alunos deveriam confeccionar, em virtude do Dia dos Pais. Na capa eles deveriam colar a foto do pai, que haviam levado, e no interior do cartão, deveriam colar a mensagem que a professora havia levado já impressa. Aos alunos que não haviam levado a foto, a professora distribuiu uma figura para colorirem e colarem na capa do cartão.

4.4.4. 4º ano C: Aula 23

A professora efetiva faltou neste dia e uma professora substituta foi quem ministrou a aula, seguindo as orientações que a professora efetiva havia deixado por escrito. Sendo assim, pediu aos alunos que abrissem suas apostilas de arte na página 13 e realizassem a atividade ali descrita. Esta atividade consistia em desenhar, na própria folha da apostila, os locais onde as crianças brincam. A professora orientou os alunos a pensarem sobre o que iriam desenhar, a visualizarem mentalmente o desenho e só depois traçarem na folha de papel. A professora exemplificou dizendo que quem brincava na rua deveria desenhar as casas ali existentes. A turma estava agitada no início da aula, porém realizando os desenhos os alunos se acalmaram, pois a proposta despertou o interesse deles.

Na apostila havia imagens de quatro obras artísticas sem título: desenhos de crianças de nacionalidades diferentes⁸, que retratavam cenas de brincadeiras. Não foram feitas leituras dessas imagens.



Figura 23 - Apostila: Desenhos com o tema "locais de brincadeira"

⁸ 1- 10 anos (Coréia) – Kim Hyung Goon e Soh Chang Woo
 2- 9 anos (Canadá) – Alain de Chantat
 3- 12 anos (Japão) – Rumiko Waki
 4- 8 anos (Brasil) – Bruno de Risios Bath



Figura 24 - Desenho com o tema "locais de brincadeira"



Figura 25 - Desenho com o tema "locais de brincadeira" I

4.4.5. 4º ano C: Aula 24

A professora leu o poema "Pitoco", de Abílio Victor (1899-1952), poeta itapetiningano conhecido como "Nhô Bentico". Após ouvirem a leitura, cada aluno recebeu uma folha de papel que continha um dos versos do poema. A proposta era de ilustração do verso recebido, com os materiais que possuíam em seus estojos: lápis de cor, lápis preto e canetas diversas.

4.4.6. 4º ano D: Aula 25

A proposta foi desenho livre em papel criativo. A professora não utilizou apostila e sugeriu alguns desenhos aos alunos: paisagem, animais, pessoas. Ela também os orientou a aproveitarem todo o espaço da folha para desenhar, a desenhar o fundo da cena, a colorir com lápis de cor, contornar com caneta hidrocor e caprichar nas produções.

A professora relatou, em particular, que, a partir do 4º ano, não é solicitada tinta guache no material escolar.

4.4.7. 4º ano D: Aula 26

Nesta aula a apostila foi utilizada e os temas eram o folclore e as colagens mono e policromáticas. As propostas de observação e produção foram as mesmas da aula 21. A professora relatou que planejou essa aula juntamente com a professora do 4º ano C e alegou não realizar todas as propostas da apostila por falta de material.

4.4.8. 4º ano D: Aula 27

Para esta aula as carteiras estavam disponibilizadas de modo a formar três grandes grupos, a apostila foi utilizada e o tema era recorte, colagem e pintura com guache. A professora iniciou conversando com os alunos e relembrando os conceitos de policromático e monocromático, estudados em aula anterior. Em seguida disse aos alunos que fariam uma produção utilizando recorte, colagem e pintura, mas para que isso fosse possível deveriam ter organização.

Foi feita a leitura da imagem da obra “Zulma” (1950), de Henri Matisse (1869-1954), contida na apostila. A professora leu a biografia breve do pintor, falou a respeito da técnica utilizada na realização desta obra (guache e colagem sobre papel) e contou às crianças algumas curiosidades da vida do artista. Ela também falou que Matisse pintou naturezas mortas e questionou os alunos a respeito de

outro artista que já estudaram e que também pintou naturezas mortas: Van Gogh (1853-1890). Os alunos souberam responder.

Em seguida, a professora explicou que distribuiria revistas e que os alunos deveriam selecionar imagens, recortá-las, colar sobre a folha da apostila e pintar com guache sobre esses recortes, a exemplo da obra “Zulma” (1950). Sobre as mesas foram dispostos materiais necessários para a realização da atividade: potes com água, tesouras, tubos de cola, revistas, apostilas, potes de tinta guache, pinceis.



Figura 26 - Recorte, colagem e pintura



Figura 27 - Recorte, colagem e pintura I



Figura 28 - Recorte, colagem e pintura II

4.4.9. 4º ano D: Aula 28

Para esta aula a professora leu e explicou a proposta contida na apostila: recorte de imagens de revistas que representassem o povo e a cultura brasileira e colagem. Os alunos deveriam, realizar esta colagem sobre o desenho de um mapa do Brasil, impresso na folha da apostila. Antes, porém, deveriam colorir a figura do mapa com lápis de cor.

A professora deu algumas sugestões de figuras que poderiam ser utilizadas na atividade: comidas, paisagens, pessoas, animais. Durante a aula, a professora passava pelas carteiras, observando as produções.

4.5. Relato das observações das aulas dos quintos anos

4.5.1. 5º ano C: Aula 29

O tema da aula era ampliação de figuras por meio da técnica do recorte e da colagem. A apostila não foi utilizada como recurso pedagógico. A professora explicou a proposta e distribuiu revistas para que os alunos recortassem figuras. Depois que cada um havia recortado uma figura, eles deveriam medir, utilizando a régua, e riscar traços paralelos de 1,0cm. Em seguida deveriam recortar sobre esses traços, obtendo tiras de papel, e colar essas tiras sobre uma folha de papel sulfite, com espaço de 0,5cm entre elas. Dessa forma, cria-se a ilusão ótica de ampliação da imagem.

Os alunos demonstraram interesse e, durante a aula, interagiam entre si e com a professora, que passava pelas carteiras, elogiando, orientando e comentando a respeito das produções. No momento de medir e riscar a folha da imagem, as professora precisou auxiliar alguns alunos que apresentaram dificuldade. Depois que terminassem a colagem, a professora sugeriu que recortassem a folha de papel sulfite em volta da colagem, para dar a impressão de uma moldura.

Conforme os estudantes finalizavam seus trabalhos, a professora mostrava as produções para a turma e as afixava em uma das paredes da sala de aula.



Figura 29 - Recorte, colagem e ampliação horizontal de imagem



Figura 30 - Recortes, colagens e ampliação horizontal de imagens



Figura 31 - Recortes, colagens e ampliação horizontal de imagens I

4.5.2. 5º ano C: Aula 30

O tema da aula era desenho livre utilizando a técnica do giz molhado da água e as carteiras estavam dispostas em grupos de quatro alunos. A professora explicou a proposta e distribuiu os materiais para a realização. Durante a aula, a professora passava pelas carteiras, observando os desenhos e fazendo comentários positivos. Em determinado momento, ela também se sentou em uma das carteiras e fez o seu desenho utilizando esta técnica. Os alunos demonstraram satisfação ao ver o desenho da professora. Alguns alunos fizeram mais de uma produção.

4.5.3. 5º ano C: Aula 31

Para esta aula a professora utilizou os seguintes recursos tecnológicos: computador, projetor de imagens e aparelho de som. A proposta era, segundo a professora, aula de arte com música. Foi projetada num telão a imagem da obra “Um Novo Dia” (“A New Day”, 2001), de Romero Britto (1963), da qual os alunos deveriam fazer uma “releitura”, compreendendo releitura como reprodução. Durante toda a aula, havia som ambiente. Os estudantes demonstravam se preocupar em reproduzir as imagens da maneira mais parecida possível com a obra original e a professora demonstrava grande satisfação ao ver esses desenhos.



Figura 32 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001)



Figura 33 - Reprodução da obra "Um novo Dia" (2001) I



Figura 34 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) II



Figura 35 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) III



Figura 36 - Reprodução da obra "Um Novo Dia" (2001) IV

4.5.4. 5º ano C: Aula 32

A professora iniciou a aula apresentando imagens das obras “Guernica” (1937), de Pablo Picasso (1881-1973) e “Futebol” (1935) de Cândido Portinari (1903-1962). A imagem da primeira obra estava contida em um cartaz, que a professora afixou na lousa. A imagem da segunda obra estava contida na apostila de Língua Portuguesa.

A professora comentou brevemente a respeito das duas obras: citou os nomes dos autores; falou sobre a intencionalidade dos autores, um retratou a guerra e o outro um jogo de futebol. Os alunos deveriam escolher uma das obras para fazer uma “releitura”, compreendendo releitura como reprodução.

No momento da escolha, alguns alunos comentavam entre si sobre qual seria a obra “mais fácil para desenhar”. Durante a produção, procuravam reproduzir as imagens da maneira mais parecida possível com a obra original.

Em determinado momento, percebendo a angústia de alguns alunos, a professora falou que não precisavam “colocar em seus desenhos tudo da obra, mas sim as partes que mais haviam gostado ou lhes impressionado”.

Alguns alunos se dirigiam até a lousa para observar mais de perto a obra "Guernica" (1937).



Figura 37 - Reprodução da obra "Guernica" (1937)



Figura 38 - Aluno tentando reproduzir a obra "Futebol" (1935)

4.5.5. 5º ano D: Aula 33

A professora efetiva desta turma estava de licença maternidade e uma professora substituta estava ministrando as aulas.

A apostila não foi utilizada nesta aula. A proposta era a de desenho livre em papel criativo. As carteiras estavam dispostas em duplas. A professora permitiu que cada aluno escolhesse a cor do papel em que gostariam de realizar suas produções artísticas. Antes de iniciarem, ela propôs que sentissem, com as pontas

dos dedos, as texturas desse tipo de papel, que são diferentes em cada lado da folha. Um lado é liso e o outro é mais áspero. A professora disse aos alunos que deveriam desenhar sobre o lado mais áspero e orientou-os a riscar levemente sobre o papel, para que não houvesse marcas caso precisassem apagar algum traçado.

A professora orientou aos alunos que estavam utilizando lápis de cor, a seguirem a mesma direção no traçado; sugeriu que contornassem seus desenhos com a cor preta que, segundo ela, “dá destaque” ao desenho; e incentivou os alunos que possuíam folhas de cor escura, a explorar o efeito do lápis de cor branco. Além do material individual, foi disponibilizado lápis de cor, inclusive aquarelável, para uso coletivo. Ao término da atividade, a professora orientou os alunos a assinarem no canto direito inferior de suas obras, escrevendo também o ano, separado da assinatura por uma barra, assim como os pintores assinam suas obras. Por fim, a professora perguntou aos estudantes quais as sensações que tiveram ao realizar o desenho sobre esse suporte, diferente do papel sulfite, com o qual estão mais acostumados a trabalhar.

As produções foram afixadas em uma parede da sala de aula.

4.5.6. 5º ano D: Aula 34

A partir desta aula, a professora da turma efetiva já havia retornado.

O tema da aula era a obra “O Galo” (1940), de Joan Miró (1893-1983). A apostila não foi utilizada. As carteiras estavam dispostas em duplas. Primeiramente, a professora questionou os alunos a respeito do pintor. Em seguida leu sua biografia breve e uma curiosidade: no final de sua vida, Miro realizou obras em branco e preto. Em seguida, apresentou uma imagem da obra “O Galo” (1940), fazendo alguns comentários a respeito das formas e, principalmente, das cores utilizadas pelo artista.

A partir de então, foi proposta uma releitura. Os alunos receberam uma folha de papel na qual havia impressa uma parte da imagem da obra que estava sendo estudada. Tratava-se de um desenho com interferência: a partir da cabeça do galo, os estudantes deveriam completar a imagem, através de desenho utilizando lápis, lápis de cor e canetas diversas. A professora enfatizou que não deveriam copiar o

galo de Miró, mas sim criar cada um o seu. Os alunos demonstraram grande interesse e satisfação. Enquanto produziam, a professora passava pelas carteiras, observando, fazendo comentários e estimulando positivamente os alunos que, constantemente, perguntavam a ela se podiam desenhar determinadas figuras. A professora comentou, em particular, a respeito da insegurança dos alunos e da necessidade de aprovação que eles possuem.

Ao final da produção, cada estudante deveria atribuir um título a sua obra e apresentá-la aos colegas, o que não desagradou alguns alunos mais tímidos, mas que, ainda assim, através da mediação da professora, participaram deste momento. Alguns dos títulos atribuídos às produções: “O Galo Solitário”; “O Galo Girafa”; “O Galo Corintiano”; “O Gira-galo”; “O Roubo do Ninho”; “O Galo pegando Onda”.

Em todos os momentos a professora se referiu às produções dos alunos como “quadros”.



Figura 39 - Releitura de obra com interferência



Figura 40 - Releitura de obra com interferência I



Figura 41 - Releitura de obra com interferência II



Figura 42 - Releituras de obra com interferência

4.5.7. 5º ano D: Aula 35

A apostila não foi utilizada. A proposta da aula era um desenho com o tema: “Esse é meu pai que eu tanto amo”. Cada aluno deveria fazer o retrato de seu pai,

sob a forma de desenho, e depois escrever o nome dele no rodapé da folha de papel. A professora falou que “o desenho de cada um era como se fosse a foto do pai”. Os alunos utilizaram lápis de cor, lápis preto, canetas diversas e, ao final, os desenhos foram dispostos na lousa, para apreciação.



Figura 43 - Desenho com o tema: "Esse é meu pai que eu tanto amo"

4.5.8. 5º ano D: Aula 36

O tema da aula era o folclore, as carteiras estavam dispostas em duplas e a professora iniciou a aula questionando os alunos a esse respeito. Em seguida, foi feita a leitura de imagens de arte popular contidas na apostila: esculturas, festas, cestaria, máscaras. A professora disse que “as manifestações artísticas que não são populares, são eruditas e referem-se, por exemplo, às pinturas famosas”.

A partir da imagem contida na apostila da festa do carnaval, uma foto da manifestação folclórica da fantasia de “Clóvis” (RJ), na qual as pessoas usam roupas e máscaras características, a professora propôs a confecção de uma máscara com cartolina, utilizando as técnicas de desenho, recorte e colagem. No final da aula, foi feito um desfile de máscaras.

4.5.9. 5º ano D: Aula 37

A apostila foi utilizada nesta aula, cujo tema era colagem. Foi feita leitura das imagens das obras: “Catedral Notre Dame” (1330), Paris: vitral; “Pesca Milagrosa e a Vocação de São Pedro” (séc. VI), mosaico, Sant’Apollinare Nuovo, Ravena; “Vitral” (detalhes), Musée Matisse Le Cateau e “Nu Azul” (1952), ambas

de Henri Matisse (1864-1954); “Rainy Day” (1877), de Gustave Caillebotte (1848-1894).

Os alunos deveriam utilizar a imagem da obra “Rainy Day”, impressa na apostila para esse fim, riscá-la no verso, a lápis, e recortá-la. A proposta era de colagem desses pedaços da figura sobre folha de papel sulfite azul, de uma maneira diferenciada. A professora disse que poderiam colar as tiras verticalmente, dando um espaço entre elas, por exemplo, ou colar de maneiras variadas, formando um tipo de mosaico. As produções foram afixadas pela professora em uma das paredes da sala.



Figura 44 - Recorte e colagem

4.5.10. 5º ano D: Aula 38

A proposta desta aula era a leitura de dez imagens de obras artísticas, contidas na apostila: “Pietà” (1499), de Michelangelo (1475-1564); “Retrato da princesa de Broglie” (1853), de Ingres (1780-1867); “O Beijo” (1930), de Victor Brecheret (1894-1955); “Retrato de Mulher” (1943), de Ernesto de Fiori (1884-1945); “Natureza Morta” (sem data), de Pedro Alexandrino (1856-1942); “Natureza Morta” (1930), de Cândido Portinari (1903-1962); “São Jorge e o Dragão” (c. 1503-1505), de Rafael Sanzio (1483-1520); “O Cavaleiro”, de Lasar Segall (1891-1957); “Cidade” (“A Rua”) (1929), de Tarsila do Amaral (1886-1973); “Santa Maria da Saúde” (1730), de Canaletto (1697-1768).

Após a leitura das imagens, cada aluno deveria escolher uma delas para fazer uma releitura sob a forma de desenho. “Escolha uma das obras das páginas

9, 10 ou 11 e faça a releitura” era a comanda da atividade na apostila. A professora reafirmou a comanda, dizendo aos alunos que deveriam desenhar “cada um do seu jeito” e que “igual à obra não dá pra fazer mesmo”. Os alunos buscaram reproduzir as obras escolhidas de maneira que o resultado fosse um desenho o mais parecido possível com a obra original.

Em determinado momento, a professora disse a todos que a obra escolhida pelo maior número de alunos era “Cidade” (1929). Neste momento, um dos alunos comentou com o colega que a maioria havia escolhido esta obra por ser mais fácil reproduzi-la.

Observação: Todas as professoras propunham e estimulavam a organização, durante e após as atividades. As carteiras das salas durante as aulas de arte permaneciam, na maioria das vezes, dispostas em fileiras. Exceto nas aulas nas quais foi mencionada a disposição de maneira diversificada.

4.6. A opinião dos alunos

Foram entrevistados nove estudantes, alunos do 2º ao 5º do Ensino Fundamental I da EMEF Profª Zarife Yared – Itapetininga/SP.

Dos alunos entrevistados, todos alegaram gostar das aulas de artes. Entre os motivos pelos quais os conteúdos da disciplina de artes despertam o interesse e satisfazem os estudantes, eles alegaram que se constituem em aulas “legais”, divertidas e interessantes, e que gostam de realizar as atividades propostas.

As atividades artísticas que mais despertam o interesse desses alunos são as que envolvem desenho e pintura. Um dos alunos citou também as atividades de dobradura e modelagem e outro aluno citou ainda a colagem como atividade artística preferida.

Através da análise das entrevistas e da pesquisa de campo, pode-se perceber que os alunos de algumas das turmas acompanhadas não possuem contato com materiais e técnicas diversificadas nas aulas de Artes, a maioria das propostas de produção determinava a técnica do desenho a lápis, colorido com lápis de cor e contornado com caneta, como a técnica que deveria ser utilizada.

Isto justifica o fato da maioria dos alunos entrevistados terem apontado como atividade preferida o desenho, uma vez que estão bastante acostumados a utilizá-lo como meio de expressão artística.

A linguagem da pintura também foi apontada como uma das atividades artísticas preferidas dos estudantes entrevistados. Entretanto, esta também foi a atividade mais citada quando os alunos foram questionados a respeito do que não há das aulas de arte da EMEF Prof^a Zarife Yared e que eles gostariam que houvesse. Alguns alunos relataram não faltar nada nas aulas de arte. Entretanto, a maioria relatou sentir falta de realizar atividades artísticas que envolvam outras linguagens, como pintura, escultura e colagem.

Quando questionados a respeito das imagens de obras de arte com as quais tiveram contato na escola, a maioria dos alunos demonstrou interesse em realizar leituras dessas imagens e relatou lembrar de obras e artistas que haviam sido trabalhados nas aulas, embora nem sempre tenham se recordado dos nomes dos artistas e dos títulos das obras. Dentre os artistas citados estavam Romero Britto (1963), Pablo Picasso (1881-1973), Van Gogh (1853-1890) e Tarsila do Amaral (1886-1973).

5. PROPOSTA PEDAGÓGICA: ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E APLICAÇÃO PRÁTICA DA PROPOSTA TRIANGULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Sólidos conhecimentos teóricos devem embasar a formulação de qualquer currículo ou programa escolar. Só a perfeita integração entre teoria e prática pode dar racionalidade ao ensino. A reflexão teórica deve presidir toda prática na qual se pretenda envolver o aluno (BARBOSA, 1975, p. 69).

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1997).

O professor precisa buscar conhecer a criança, seu desenvolvimento físico, neurológico, intelectual, emocional, perceptivo e expressivo-comunicativo (BARBOSA, 1975). É a partir desse conhecimento acerca do universo infantil cognitivo que o educador poderá planejar situações didáticas coerentes com as necessidades de seus alunos.

Levando em consideração o fato de que a “Arte é um modo de organizar experiências” e que ela é capaz de “desenvolver os processos mentais” (BARBOSA, 1975, p. 69), fica clara a necessidade dos professores analisarem os métodos apropriados aos objetivos educacionais, pois, embora novos objetivos tenham sido propostos pelos PCN, “há dificuldade na correspondência na renovação dos métodos”. [...] “Mudam os objetivos, mas os métodos permanecem os mesmos” (BARBOSA, 1975, pp. 69-84).

É importante salientar também que somente orientações metodológicas não são suficientes (BARBOSA, 1975, p. 105). Os professores precisam vivenciar experiências de ensino e aprendizagem em artes para se apropriarem de seus conceitos e metodologias. Isto seria possível por meio de reuniões de professores onde fossem abordadas questões relacionadas à metodologia do ensino das Artes Visuais, sob a luz dos PCN e da Proposta Triangular.

Somente uma orientação metodológica não faz o bom professor de Arte; ele precisa manipular os meios de expressão artística, a fim de que sua experiência seja introjetada, para tornar a própria metodologia criadora (BARBOSA, 1975, p. 105).

Durante a pesquisa de campo, foram percebidas muitas situações de fazer artístico, algumas situações de leitura de imagens e pouquíssimas situações de contextualização. Os processos pedagógicos observados demonstraram que, na maioria das vezes, os professores priorizaram o fazer artístico, sem propostas de leitura de imagens e de contextualização planejadas de acordo com os objetivos pautados nos PCN. Ou seja, quando aplicadas durante as aulas, a leitura de imagem e a contextualização consistiram em conversas breves, superficiais, e leituras de textos, como biografias e cronologias artísticas, feitas pelo professor, sem aprofundamento das questões que esses conceitos envolvem, a respeito do enfoque histórico – contextualização - e da compreensão das imagens e apreciação das mesmas na sua “pluralidade de sentidos” – leitura de imagens - (PILLAR, 2008, p. 81).

Para nortear ações pedagógicas que privilegiassem a leitura de imagens e a contextualização, os escritos de historiadores da Arte como Argan (2006), Gombrich (1999) e Janson (2006) poderiam ser utilizados pelos professores para estudos e práticas em sala de aula.

[...] nem toda criança virá a ser um produtor de Arte, mas todas poderão ser observadores efetivos, extraindo do consumo visual os mesmos benefícios auferidos na ação sobre os materiais e na construção de símbolos. [...]

É necessário que se estabeleça uma ponte entre o trabalho prático da Arte como processo de desenvolvimento individual e pessoal e o trabalho de ver e apreciar a Arte como produto da atividade do artista. Na Educação, os modos de ver a Arte de dentro e de ver a Arte de fora se completam. Devemos, portanto, educar os estudantes em Arte e através da Arte, possibilitando-lhes não só o fazer artístico mas também o contacto programado com a obra de Arte adulta” (BARBOSA, 1975, p. 113).

O fazer artístico possibilita “compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista” e “expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas” (BRASIL, 1997, p. 39). Contudo, o fazer artístico (produção) precisa estar aliado à leitura de imagem (fruição) e à contextualização (reflexão). Neste sentido, aos alunos poderia ser proposto que

realizassem pesquisas sobre os artistas, e os professores poderiam promover rodas de apreciação e conversa a respeito das imagens observadas, trabalhando a leitura de imagens e a contextualização, levando os alunos ao conhecimento sobre o período artístico, histórico e social em que as obras foram realizadas e sobre o impacto dessas obras na sociedade, possibilitando aos alunos falarem a respeito de suas impressões com relação às obras artísticas em questão. Para isso, seria interessante que as carteiras da sala de aula fossem dispostas de maneira diversificada, fugindo das habituais fileiras. Durante as rodas de apreciação e conversa as carteiras poderiam estar dispostas de modo a formar um círculo. Em outros momentos poderiam estar dispostas de outras maneiras – em duplas ou grupos – dependendo da intenção do professor.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1997).

Algumas aulas poderiam, inclusive, acontecer em outros espaços da escola. Em alguns corredores da EMEF Prof^a Zarife Yared há quadros, pinturas em tela. Muitos dos alunos com os quais foi realizada a entrevista demonstraram grande interesse em realizar pinturas como essas. A leitura das imagens contidas nesses quadros, bem como a contextualização, poderiam ser bons disparadores para iniciar um trabalho em sala de aula acerca da pintura. Os estudantes poderiam percorrer a escola, observar as imagens, realizar a discussão em roda de conversa e experimentar a produção de uma pintura em tela.

Os professores poderiam ainda partir da curiosidade, própria das crianças, para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem em artes, levando para a aula imagens de diversas obras e linguagens artísticas para serem analisadas e discutidas, dessa forma possibilitando que “voltando-se sobre si mesma, através da reflexão [...], a curiosidade ingênua [...], vá se tornando crítica”

(FREIRE, 1997). Nesta perspectiva professores e alunos são agentes construtores do conhecimento, por meio do diálogo e da interação. O professor é o mediador que planeja as situações didáticas visando promover a construção do conhecimento pelos alunos e levá-los a “observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando a arte de modo sensível” (BRASIL, 1997, p. 39).

[...] sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. [...] curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer [...] O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. [...]

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1997).



Figura 45 - Pintura em tela, afixada em uma das paredes da EMEF Profª Zarife Yared - Itapetininga/SP



Figura 46 - Corredor da EMEF Profa Zarife Yared - Itapetininga/SP - onde se encontra uma das pinturas em tela

Outra questão de extrema importância refere-se às propostas de “releitura de obra”. Ao receberem orientações para realizar esse tipo de atividade artística, os alunos se preocupavam em reproduzir as obras de arte e não em criar a partir delas, como deveria se constituir, de fato, uma proposta de releitura. Por vezes, os próprios professores incentivavam a cópia, na medida em que atribuíam valores de beleza às produções mais parecidas com as obras originais.

O simples desenho de observação tende a se concentrar sobre “qualidades visuais”, sobre a descrição dos aspectos qualitativos do objeto, e leva a cristalização da natural tendência do olho à generalização.

A percepção, contudo, é função do pensamento. Perceber a realidade é pensar acerca dessa mesma realidade e adquirir condições para propor uma nova realidade.

Visando a tornar consciente acerca do percebido e visando a uma maior flexibilidade e complexidade de percepção, será necessário uma estimulação mais dinâmica que o desenho de observação, tal como a proposição de um problema a ser resolvido dentro da situação perceptual, que leve à discriminação, à seletividade, à analogia, à análise e à síntese.

O desenho de observação leva a uma mera alfabetização visual e é talvez o principal agente provocador da estática que se verifica na expressão gráfica e pictórica dos nossos jovens, apesar do domínio da cinética no mundo em que vivemos (BARBOSA, 1975, p. 76-77).

Encontros de estudo e formação em Arte, na forma de reuniões pedagógicas, que priorizassem essas questões levariam os professores a compreender a pertinência de cada tipo de proposição de atividade artística em sala de aula, possibilitando a reflexão acerca dos meios mais contemporâneos e

eficazes de desenvolver as competências e habilidades dos alunos e de atingir os objetivos pautados nos PCN. Dessa forma, os professores teriam condições de discernir a releitura da reprodução de obra e chegariam à conclusão de que a reprodução não passa de mera cópia, sem reflexão, sem crítica e sem criação. A partir da reflexão sobre esses aspectos, é que a práxis pedagógica tem condições para evoluir. Como afirma FREIRE (1997), “ensinar exige risco, aceitação do novo”.

Atualmente, de acordo com os mais recentes estudos na área da Pedagogia, sabe-se que a cópia não desenvolve nos alunos as competências necessárias para que eles se alfabetizem e se tornem letrados⁹. É necessário que as crianças pensem a respeito do sistema de escrita, para poderem se apropriar desse sistema, levantando hipóteses e construindo seu conhecimento. Na área das Artes Visuais, os alunos também precisam, além de entrar em contato, pensar a respeito das imagens. Entretanto, a cópia ainda acontece nas aulas de arte e há professores que continuam atribuindo grande valor a ela.

O professor precisa [...] entender o perceber, o pensar, o sentir e a atividade representativa de seus alunos, para o propósito de deliberadamente organizar o ensino e a aprendizagem da Arte (BARBOSA, 1975, p. 106).

As proposições de tema e a variedade de técnicas para o desenho livre também foram atividades artísticas observadas com certa frequência durante a pesquisa de campo. É sabido que os meios de comunicação atuam sobre as crianças desde muito pequenas (BARBOSA, 1975), fazendo com que elas estabeleçam, desde cedo, relação com as inúmeras imagens a sua volta. Neste sentido, é papel do arte-educador fazê-las refletir sobre essa variedade de imagens. É papel da Arte (e, portanto, do arte-educador) “preparar o povo para os novos modos de percepção, largamente introduzidos pela revolução tecnológica e da comunicação de massas” (BARBOSA, 1975, p. 93).

Nesta perspectiva, proposições de tema e de técnicas sem leitura de imagens e contextualização, desenhos de observação e reproduções de imagens (aulas 1, 2, 6, 9, 10, 14, 15, 20, 22, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35 e 38) não

⁹ Letrado: indivíduo que usa competentemente a leitura e a escrita.

atendem às necessidades dos educandos e, conseqüentemente, não farão com que estes desenvolvam as competências e habilidades decorrentes dos objetivos pautados nos PCN. Segundo Ana Mae Barbosa (1975, p. 72), “qualquer sugestão de tema, destacado da presença do objeto, enfatiza somente a memória perceptual e leva portanto a uma imagem que é predominantemente conceitual”. Ana Mae Barbosa se opõe à produção de imagens baseada apenas em processo intelectual, os estudantes precisam ter contato com objetos e obras artísticas, para depois terem condições de criar suas próprias representações. “[...] a imagem deve ser introjetada e produzir um processo intelectual e não ser produzida por ele” (BARBOSA, 1975, p. 72). Por exemplo, na aula 32, a proposta com a obra “Futebol” (1935), de Portinari (1903-1962) poderia ter sido iniciada com a roda de leitura da imagem e contextualização da obra, seguida do fazer artístico onde os alunos, em vez de reproduzirem a obra original, criariam um desenho ou pintura que retratasse seu esporte preferido. Neste caso, a proposição de tema não se apresenta de maneira isolada, mas relaciona-se ao conteúdo da disciplina de Artes Visuais e à vivência dos alunos, levando-os a “compreender e identificar a arte como fato histórico contextualizado” (BRASIL, 1997, p. 39).

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 1997).

Outras ações observadas durante a pesquisa de campo e que requerem reflexão foram as ocorridas na aula 4, na qual conteúdos de arte serviram como complemento para atividades de outra disciplina: a professora utilizou a técnica da colagem como estratégia de ensino de conteúdo de Ciências. Considero que a proposta desta aula possa ter sido válida para atender aos objetivos da disciplina de Ciências, porém, quanto aos objetivos da disciplina de Artes Visuais, a estratégia não foi bem empregada, pois a aula não abordou conceitos da colagem e do desenho. Ou seja, a colagem e o desenho não foram abordados como linguagens artísticas, mas sim como estratégia para a realização da atividade de identificar os tipos de plantas.

Na condução das aulas 18 e 19, a professora também procurou abordar a interdisciplinaridade. Os alunos utilizaram a modelagem para comunicar o conteúdo aprendido acerca dos personagens folclóricos e dos répteis. Foi dada a oportunidade de observarem imagens e objetos antes de realizarem suas produções, porém a professora poderia também ter levado para discussão em sala de aula imagens de objetos criados por meio da modelagem, realizando a leitura dessas imagens e contextualizando as mesmas, abordando mais efetivamente o tema como conteúdo da disciplina de Artes.

Durante as aulas observadas na pesquisa de campo, notou-se que os Movimentos Artísticos foram pouco explorados. Em algumas das situações didáticas, os movimentos aos quais pertenciam as obras analisadas eram apenas citados, geralmente durante a leitura da biografia do autor. Exemplo disso é a aula 13, na qual o Movimento Cubista foi citado, mas as questões referentes à linguagem e à quebra de paradigmas estéticos não foram trabalhados com os alunos. O estudo acerca dos Movimentos Artísticos permite “compreender e identificar a arte como fato histórico contextualizado” e “reconhecer e compreender a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias” (BRASIL, 1997, p. 39).

A aula 23, baseada na apostila, apresentava metodologia de acordo com a Proposta Triangular. Porém, a condução da aula pela professora não contemplou a leitura das imagens e tampouco a contextualização, tornando-se apenas proposição de tema.

Alguns professores, nos processos pedagógicos analisados, preocupavam-se em promover, ao final das aulas, exposições, observação e apreciação das produções uns dos outros (aulas 6, 7, 9, 10, 15, 17, 29, 33, 34, 35, 36 e 37), o que demonstra uma preocupação em levar os alunos a “edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação [...]” (BRASIL, 1997, p. 39).

Observou-se durante as aulas acompanhadas a predominância de propostas de produção envolvendo as linguagens do desenho, da pintura, do recorte e colagem e da modelagem. Seria importante que outras manifestações e linguagens artísticas fossem também trabalhadas nas aulas de Artes,

possibilitando aos alunos “interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes” (BRASIL, 1997, p. 39).

Sabe-se que não há regra rígida a respeito da ordenação para trabalhar cada um dos eixos da Proposta Triangular. O professor pode iniciar a aula com o fazer artístico e seguir, posteriormente, para as outras etapas. Contudo, a leitura de obra deve se constituir não somente da observação da imagem, mas da reflexão sobre ela por meio de questionamentos como: “O que estão vendo.”; “Como você se sente ao olhar esta imagem.”; “O que lhe vem à cabeça ao olhar para esta figura”; “Quais lembranças ela lhe traz”; etc. Da mesma forma, a contextualização deve privilegiar, com relação à obra que estiver sendo estudada, sua história (data, período histórico-social); as razões que deram origem a ela; o perfil e as intenções do autor; a maneira como a obra foi realizada (materiais, técnicas), dentre outras questões pertinentes.

Ensinar [...] se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E dessas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1997).

Como diz Paulo Freire (1997), “ensinar exige alegria e esperança, mas também consciência do inacabado”. Portanto, esta pesquisa não apresenta um conjunto de soluções infalíveis, mas sim deseja apresentar questões de reflexão que levem os docentes a propostas de ensino da arte que busquem “a perfeita integração entre teoria e prática”, por meio da “integração de objetivos-conteúdos-métodos”. (BARBOSA, 1975, p. 69-70), convencidos de que a mudança é possível (FREIRE, 1997).

CONCLUSÃO

Fazendo uma análise a respeito das aulas observadas e traçando um paralelo destas com as questões metodológicas aqui abordadas, pôde-se perceber que doze processos pedagógicos em artes aproximaram-se do ensino pautado na Proposta Triangular. Esses processos encontram-se descritos nas aulas 3, 5, 7, 11, 13, 16, 17, 21, 27, 34, 36 e 37. Entretanto, é notável a predominância do fazer artístico, enquanto a leitura de imagem e, principalmente, a contextualização foram pouco exploradas.

Geralmente os professores limitavam a contextualização à leitura da biografia do autor e/ou à alguma leitura breve relacionada à(s) obra(s) estudada(s). Também limitavam a leitura de obra à observação da imagem sem grandes proposições de reflexão.

Tanto a leitura de obra quanto a contextualização demandam reflexão. Reflexão esta que só é possível na medida em que o professor leva seus alunos, através de proposições e questionamentos, a pensarem sobre a obra que está sendo estudada. Ou seja, a contextualização e a leitura de imagem são tão importantes quanto o processo do fazer artístico e não devem se limitar a apenas leituras para cumprimento do currículo, das quais os alunos, na maioria das vezes, não se apropriam.

Na entrevista realizada, os professores relataram desejar alcançar determinados objetivos e desenvolver determinadas competências e habilidades em seus alunos. Alguns desses objetivos citados são bastante pertinentes e estabelecem relação com os objetivos pautados nos PCN. Entretanto, muitas das práticas pedagógicas observadas levam a considerar a falta de correspondência entre teoria e prática, como foi visto na análise de algumas das aulas, onde as propostas estavam desvinculadas dos objetivos.

Através de rodas de apreciação e conversa (abordando leitura de imagens e contextualização) e propostas coerentes de produção (fazer artístico), aliadas à proposição de pesquisas, é possível alcançar os objetivos pautados nos PCN (Anexo C). Para que isso aconteça, são necessárias algumas ações, entre elas: promover momentos de estudo teórico-prático a respeito dos PCN e da Proposta

Triangular, que leve os professores à compreensão desses pressupostos e, conseqüentemente, à mudanças no planejamento das aulas visando as adequações necessárias; e investir na aquisição de materiais para as aulas de arte, com o objetivo de possibilitar aos alunos o contato com a diversidade de materiais e técnicas, o que não significa que tudo, necessariamente, precisaria ser comprado. Uma proposta interessante seria a dos próprios alunos, sob a orientação de seus professores, confeccionarem elementos para serem utilizados em seus trabalhos artísticos, como por exemplo: pincel, papel reciclado, carvão, tintas feitas com pigmentos diversos (naturais ou não), etc. Os escritos de Andrade (2009), Castro, Gatti e Oliveira (2007) possibilitam conhecer técnicas para produção desses elementos.

Seria de grande valia que os professores tivessem a oportunidade de vivenciar experiências de contato com a Arte pautadas na Proposta Triangular, podendo então atuar na sala de aula com mais segurança e propriedade, e dotados de maior conhecimento a respeito. Conhecimento este que se efetiva na prática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiza. *Meu pincel, minha tinta*. Disponível na Internet via: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/meu-pincel-minha-tinta-488798.shtml>. Revista Nova Escola [on line]. Agosto 2009. Acesso em dezembro de 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 709p.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A cultura visual antes da cultura visual*. Disponível na Internet via <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9288/6778>. Acesso em dezembro de 2012.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A Imagem no Ensino da Arte – anos oitenta e novos tempos*. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007. 130p.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Entrevista – Ana Mae Barbosa*. Carta Maior, 2006. Disponível na Internet via http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11489. Acesso em setembro de 2012.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Teoria e Prática da Educação Artística*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1975. 115p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais [on line]*. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: arte. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível na Internet via <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em setembro de 2012.

CASTRO, Rosana de. GATTI, Thérèse Hofmann. OLIVEIRA, Daniela de. *Materiais em artes: Manual para manufatura e prática*. 1ª edição. Brasília: Thérèse Hofmann, 2007. 128p.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. *Psicologia e Ensino de Artes*. UNESP. Disponível na Internet via:

http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/luiza_helena_da_silva_christov.pdf. Acesso em setembro de 2012.

FIALHO, Francisco P.; GARCIA, Roseli A. da Silva. *Abordagens Metodológicas: o pensamento complexo e os processos do fazer e do ensino nas artes visuais [online]*. Artigo. 2007. Disponível na Internet via <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/083.pdf>. Acesso em setembro de 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Disponível na Internet via http://api.ning.com/files/UXGGo6k-C4dbydFHnvZmwM*wZ1bmWnY7YGCsbn-vHG50jmZZJr03iSDCCsyFSnAmmnUWkoPx7LFwbZCnz366wAWpwshBFXkM/LivroBRPauloFreirePedagogiadaAutonomia.pdf. Acesso em setembro de 2012.

GOMBRICH, Ernst H. J. *A História da Arte*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999. 688p.

ITAPETININGA, Prefeitura Municipal. *Conheça Itapetininga: Dados Gerais*. In: *Portal da Prefeitura de Itapetininga*. Disponível na Internet via: <http://portal.itapetininga.sp.gov.br/conteudo/1205/Dados+Gerais>. Acesso em novembro de 2012.

JANSON, Anthony F. JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 475p.

KAIRÓS, Desenvolvimento Social. *Concentração de Renda no Emprego Formal*. In: *Diagnóstico Social de Itapetininga*. Disponível na Internet via http://www.itapetininga.sp.gov.br/diag_social/i0508.html. Acesso em novembro de 2012.

MACIEL, Diva. PULINO, Lúcia. *A psicologia, o Desenvolvimento Humano e o Ensino-Aprendizagem de Artes*. UnB. Texto 1 constituinte da disciplina A Psicologia e a Construção do Conhecimento, do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. *Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino*. In: *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte / Ana Mae Barbosa (Org.)*. – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008. P. 161-172.

PENNA, Maura. *PCN nas escolas: e agora?* UFPB. Disponível na Internet via: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=12. Acesso em abril de 2012.

PILLAR, Analice Dutra. A Educação do Olhar no Ensino da Arte. In: *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* / Ana Mae Barbosa (Org.). – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008. P. 71-81.

PULINO, Lúcia. *A Teoria Sócio-Histórica de Vigotski: Vigotski e o ensino-aprendizagem das artes*. UnB. Texto 3 constituinte da disciplina A Psicologia e a Construção do Conhecimento, do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

RIZZI, Maria C. de Souza. Caminhos Metodológicos. In: *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* / Ana Mae Barbosa (Org.). – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008. P. 63-70.

Salto para o Futuro [on line]. *Cultura Visual e Escola*. Disponível na Internet via: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf>. TV Escola. Boletim 09, Ano XXI. Agosto 2011. Acesso em dezembro de 2012.

Trechos Selecionados – Ana Mae Barbosa. *Arteduca: Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas*. UnB. 2007. Vídeo disponível na Internet via: <http://www.youtube.com/watch?v=8NkVRui4k58>. Acesso em abril de 2012.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevistas com professores de Educação Básica atuantes no Ensino Fundamental I da EMEF Profª Zarife Yared – Itapetininga/SP

Nome: D.
Série: 2º ano C

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Considero importante que o aluno desenvolva suas habilidades motoras através de desenhos, recortes, colagens, pinturas. Outras habilidades que considero importantes são a percepção e a sensibilidade, que a aula de artes proporciona através do estudo das produções artísticas. Por exemplo, acho o máximo quando um aluno reconhece um trabalho da Tarsila do Amaral, do Botero ou Romero Brito. Por fim, e fazendo um resumo de tudo, o que eu busco desenvolver é a aproximação da arte com as crianças, procurando fazê-las participantes ativas e boas leitoras das práticas artísticas.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: M. G.
Série: 2º ano D

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Busco desenvolver a criatividade, organização, a noção espacial, temporal, a lateralidade. E também aprimorar a coordenação motora, a noção sobre o uso de cores e formas geométricas através de diferentes técnicas.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: H. S.
Série: 3º ano C

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais

Conhecer diferentes estilos de pintura, desenho e músicas. Apreciar suas próprias produções e as dos colegas.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo

Nome: L.
Série: 3º ano D

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Apreciação de obras, utilização de vários recursos, leitura da obra, entendimento do autor, bibliografia do autor.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não tenho conhecimento.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: C.
Série: 4º ano C

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

O aproveitamento total da folha, o desenho expressivo de uma imagem, o uso das cores com coerência, o uso da tesoura com competência, conhecer obras de arte e pintores brasileiros ou não com suas características específicas, entender que a arte é a expressão humana que substitui palavras.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: S.
Série: 4º ano D

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Fazer a leitura de diferentes obras em diferentes situações, ampliar o vocabulário, a forma de ver, sentir e se expressar de diversas maneiras. Propiciar experiências estéticas, compreender leitura de imagens, dentre elas as obras de arte. Refletir sobre releitura e compreender como se realiza uma releitura de obra de arte.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: M.
Série: 5º ano C

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Espero desenvolver a capacidade de apreciação de obras e autores conhecidos ou não, desenvolver a criatividade, a habilidade com diversos materiais, bem como o manuseio correto do mesmo para diversos fins. Reproduzir com detalhes obras conhecidas, conhecer técnicas como ampliação, redução, mistura de cores, entre outras coisas.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

Nome: S.

Série: 5º ano C

1- Quais as principais competências e habilidades que você considera importantes e que busca desenvolver em seus alunos nas aulas de artes visuais?

Considero importante desenvolver nas crianças o gosto pelo desenho, que valorizem obras e seus artistas, que desenvolvam a coordenação motora e a criatividade.

2- Você já ouviu falar na Proposta Triangular?

Não.

3- Se a resposta da pergunta acima for afirmativa, responda: Você costuma fazer uso dessa proposta no planejamento e desenvolvimento de suas aulas de artes? Pode citar um exemplo?

ANEXO B – Entrevistas com alunos do Ensino Fundamental I da EMEF Profª Zarife Yared – Itapetininga/SP

Nome: B. N. S. do C. E.

Série: 2º ano C

1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Sim, porque é muito legal.

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

Foi desenhar. Gosto de desenhar família.

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Não.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Tem tudo.

Nome: K. M. R. L.

Série: 2º ano D

1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Sim. Eu amo desenhar e pintar.

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

Fazer a capa dos livros “Hora de Dormir, Carneirinhos” e “A Fada Emburrada”. Foi um desenho.

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Romero Brito, mas não lembro bem das obras dele.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Desenho para pintar e tintas.

Nome: K. K. S. L. M.

Série: 3º ano C

1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Gosto, porque é legal, a gente tira tudo que tá na cabeça.

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

Esta arte aí, a de hoje, que a professora ta ensinando. (Reprodução de obra utilizando as técnicas do desenho com lápis preto e da pintura com tinta guache).

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Só trouxe até agora, que eu saiba, essa arte. Eu gostei dessa, é legal, é tudo diferente. Ele desenha dois tipos, um rosto e outro, um lado e outro.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Já tem tudo. Só faltou o quadro, pintura em quadro. Eu fazia.

Nome: A. B. S. de L.
Série: 3º ano D

- 1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?
Sim, porque é muito divertido, faz dobraduras, pinturas, várias coisas.
- 2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?
Os répteis e as dobraduras.
- 3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?
Um quadro de uma flor. Não lembro o nome.
- 4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?
Eu queria fazer um quadro de fotos coladas, desenhos...

Nome: H. R. P. de O.
Série: 4º ano C

- 1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?
Adoro porque posso fazer um montão de coisa.
- 2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?
Desenho que desenhei uma espada.
- 3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?
Não.
- 4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?
Eu queria poder desenhar e pintar num quadro com aquele negócio...
- 5- Cavalete?
É!

Nome: A. V. de J. R.
Série: 4º ano C

- 1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?
Sim, porque eu gosto de desenhar e pintar.
- 2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?
De desenhar a poesia do Pitoco.
- 3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?
Não trouxe.
- 4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?
Pintar com pincel.

Nome: L. G. S.
Série: 4º ano D

- 1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Sim, porque eu me inspiro nos desenhos da arte, quando eu estou imaginando algo para desenhar, e também porque eu gosto muito de desenhar.

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

Colagem monocromática e policromática, arte, sociedade e música. Gostei mais da colagem monocromática por fazer desenhos sobre outros.

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Aquela que tem um vaso de flores...

4- "Girassóis", de Van Gogh?

É! Gosto dessas flores, acho elas interessantes, elas são parecidas com o sol.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Fazer pinturas igual a um artista em um quadro, esculpir no gelo, na pedra, esculpir um dragão em miniatura.

Nome: F. V. R. L.

Série: 5º ano C

1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Sim, porque gosto de pintura, essas coisas...

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

De pintar um quadro de... que nós fizemos pintura com giz molhado.

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Do Romero Britto, porque as cores são mais vivas.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Nada.

Nome: L. C. de M.

Série: 5º ano D

1- Você gosta das aulas de artes? Por quê?

Gosto, porque tem várias pinturas. Eu acho interessante.

2- O que você aprendeu ou tem aprendido nas aulas de artes e que você mais gostou?

De fazer um quadro. Em folha, pra ficar um pra mim.

3- Você lembra da obra de algum artista que a professora trouxe para a aula e que lhe chamou atenção? Por que essa obra chamou a sua atenção?

Da Tarsila do Amaral. Gostei de vários. Chamaram a atenção pelo colorido, muito bonitas. O colorido chama muito a minha atenção.

4- O que você gostaria que tivesse nas aulas de arte e que ainda não tem aqui nesta escola?

Artes com pintura de guache. Até tem, mas na nossa classe não tem. Pra pintura de quadros mesmo.

ANEXO C – Parâmetros Curriculares Nacionais: Objetivos Gerais de Arte para o Ensino Fundamental

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

Nesse sentido, o ensino de Arte deverá organizar-se de modo que, ao final do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de:

- expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;
- compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos;
- observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;
- compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista;
- buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.